

ELIEL VALERIO SCUSSEL

# **Aspectos Humanos, Educacionais, Sociais e a Ordem Moral no Ensino Superior**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, do Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

CURITIBA  
1985

**ASPECTOS HUMANOS, EDUCACIONAIS, SOCIAIS  
E A ORDEM MORAL NO ENSINO SUPERIOR**

por

**ELIEL VALERIO SCUSSEL**

Dissertação aprovada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Gradua  
ção em Educação, pela Comissão formada pelos pro-  
fessores:

ORIENTADOR:

\_\_\_\_\_  
Prof. Marcos Eduardo Klüppel

\_\_\_\_\_  
Enio José Coimbra de Carvalho

\_\_\_\_\_  
Elpídio Marculino Cardoso

CURITIBA  
1985

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho à figura  
de um Pai, Amigo e Irmão, que não  
mora mais neste mundo, mas seu es  
pírito é força viva e incontestá-  
vel.*

PROFESSOR ORIENTADOR

MARCOS EDUARDO KLÜPPEL - Doutor em Ciências da Educação, pela Universidade de Paris; Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Sorbone Nova.

PROFESSORES CONSULTORES

HELOÍSA LÜCK - Doutora em Educação, pela Columbia University; Mestre em Educação pela Columbia University; Mestre em Humanidades, pela Columbia University.

MAURY RODRIGUES DA CRUZ - Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná.

## **SUMÁRIO**

	Página
SUMÁRIO.....	v
RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	viii
RESUMÉ.....	x
APRESENTAÇÃO.....	xii
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO - CARACTERIZAÇÃO DO TEMA PROPOSTO O PROBLEMA - SUAS LIMITAÇÕES.....	1
CAPÍTULO II- O SISTEMA EDUCACIONAL NA UNIVERSIDADE: ASPEC- TOS INDIVIDUAIS, SOCIAIS, HUMANOS E FILOSÓ- FICOS.....	4
2.1. A Universidade e a Comunidade: a Importância da Inte- ração Social.....	4
2.2. O Universitário como Agente de Mudanças.....	17
2.3. O Currículo, a Criatividade e a Concepção do Novo na Universidade.....	24
2.4. O Professor como Agente Sensibilizador e Facilitador do Novo.....	32
2.5. A Inversão de Valores na Universidade.....	41
2.6. A Universidade e a Sociedade: Correlação de Valores; a Filosofia da Educação; a Democracia.....	49
Notas de Referência.....	56
CAPÍTULO III - OS VALORES MORAIS NO ENSINO SUPERIOR.....	59
3.1. A Nova Moral.....	59
3.2. A Transformação Moral na Universidade: Mudança de Comportamento; a Nova Mentalidade.....	65
Notas de Referência.....	76
CAPÍTULO IV - A IMPORTÂNCIA DOS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS NO ENSINO SUPERIOR.....	78
4.1. A Filosofia na Universidade.....	78
4.2. O Papel da Universidade na Sociedade Atual; os Valo- res Humanos e a Filosofia.....	89
Notas de Referência.....	98
CONCLUSÃO.....	100
Notas de Referência.....	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	105

## **RESUMO**

Considerando a relevante função da Universidade na sociedade, é por demais necessário fortalecer a sua estrutura, a sua organização, o seu sistema de idéias, tendo em vista a realidade do sistema de educação atual.

Desta forma, essa pesquisa procura trazer diretrizes, soluções e alternativas humanas, com o objetivo de despertar a consciência crítica dos indivíduos, dos universitários, dos educadores de uma maneira geral, para uma maior identidade com a vida, com a razão, com a verdade, com o equilíbrio, com a paz, com a justiça, com a liberdade, enfim, com os valores morais.

Os conceitos humanistas desenvolvidos visam, antes de mais nada, estruturar o sistema de idéias da Universidade, como também aproximá-la da realidade social, demonstrando a inter-relação existente nesse contexto. Visam, ainda, fortalecer a interação professor-aluno-comunidade, como também, promover integralmente a pessoa humana.

Os objetivos definem-se pelo princípio de amor ao próximo, pela valorização do homem e pelo respeito aos indivíduos, às instituições e à sociedade humana.

Portanto, a nossa proposta fundamenta-se, essencialmente, numa concepção humanista e moral no sentido de educar para a liberdade. Evidenciamos os valores morais para transferir ao ho

mem a responsabilidade de educar exemplificando, através de seu caráter, de sua personalidade, de sua honradez, de sua honestidade, de sua dignidade, de seus direitos e deveres, enfim, de seu comportamento na sociedade.

Com isso, almejamos que o currículo do ensino superior seja mais aberto, flexível, mais humanizado, coerente, autêntico e real, que aproxime-se cada vez mais da verdade de cada indivíduo, do significado de cada ato e de cada ser, respeitando a identidade cultural e social de todos.

Enfim, o que queremos alcançar é uma Universidade livre e democrática, comprometida com os princípios humanistas, morais e filosóficos da sociedade.

## **ABSTRACT**

If the duties of the university in modern society are considered, the necessity of strengthening its structure, its organization and philosophy, in view of the present reality of our educational system, is imperative.

Therefore, in an attempt to awaken the critical consciousness of university students, of the people and educators in general, this research aims at presenting guide-lines and humane alternatives towards a greater identification with life, rationality and harmony, with peace, with justice, with truth and with freedom, in short, with moral values.

The humanistic concepts put forth herein, purport in first place to organize the universities system of ideas, by bringing it closer to social reality and by showing the interrelation existing in this context. Furthermore, they intend strengthening the teacher-student-community interaction, as well as an overall advancement of man.

This purpose is guided by the principle of love thy neighbour, by the importance of man and through respect for individuals, institutions and human society.

Consequently our proposal is based essentially on the idea of educating for freedom by means of a humanistic and moral conception. The moral values have been emphasized, in order to



make man bear the responsibility of educating by the example of character, personality, honesty and integrity, as well as his dignity, his duties and prerogatives, in short, his overall social behaviour.

Because of this we desire a more open and flexible university curriculum, which is more humanized, consequent , authentic and closer to reality, which ought to be always coming nearer to each person's truth, to the meaning of each action and human being, without jeopardizing everyone's social and cultural identity.

To conclude, we aim to attain a free and democratic university, bound to society's humanistic, philosophical and moral principles.

## **RESUMÉ**

En tenant compte l'importance de la fonction de l'Université dans la société, il faut affermir sa structure, son organisation, son système d'idées sur la réalité de l'éducation actuel.

Ce travail essaye apporter quelques directrices et solutions humaines afin de révéler la conscience critique des personnes et des instituteurs en général pour une plus grande identité avec la vie, la raison, l'équilibre, la paix, la justice, la vérité, la liberté, enfin, avec les valeurs morales.

Les idées humanistes ici développées visent structurer le système d'idées de l'Université, autant que le met plus proche de la réalité sociale en prouvant la corrélation de ce contexte. Ils visent affermir l'intégration instituteurs-étudiants-société et aussi élever, complètement la personne.

Les objectifs sont caractérisés pour le principe d'amour fraternel, de valorisation et respect aux hommes à les institutions et à la société humaine.

Donc, notre proposition est établie, essentiellement dans une conception humaniste et morale vers l'éducation pour la liberté. On met en évidence les valeurs morales pour transmettre aux hommes la responsabilité d'éduquer en prouvant par des exemples, par son caractère, enfin par sa conduite sociale.

De cette façon, on veut que le CURRICULUM d'enseignement supérieur soit plus ouvert, flexible, plus humain, cohérent , authentique et réel; en liaison avec la vérité de chaque personne et de chaque acte, ayant égard à l'identité culturelle et sociale de tous.

Enfin ce qu'on veut parvenir c'est une Université libre et démocratique, engagée avec les principes humains, morales e philosophiques de la société.

## **APRESENTAÇÃO**

Essa pesquisa partiu da experiência de alguns anos que possuímos como professor universitário da disciplina de Estudo de Problemas Brasileiros da Universidade Federal do Paraná.

A nossa preocupação sempre esteve voltada para o sentido da vida humana, portanto, no decorrer dos anos, pudemos aquilatar o quanto é importante pensar na valorização do ensino superior tendo em vista a formação de seus agentes educacionais.

Vivendo de perto a realidade educacional do país, sentimos a necessidade de levantar alguns aspectos relacionados com a vida universitária. E, nesse contexto, atribuímos significativa atenção ao processo de ensino-aprendizagem, no qual verificamos deficiências que se caracterizam pela ausência de um pensamento humanista, propriamente dito.

Desta forma, encontramos desajustes no sistema de educação do ensino superior, refletindo no inter-relacionamento professor-aluno-comunidade.

Muitos dos problemas existentes na Universidade são decorrentes da inversão de valores da própria sociedade em que vivemos. Isso pudemos constatar, por exemplo, através do imediatismo e do pragmatismo evidenciados na proposta curricular de alguns cursos que não possuem sequer uma disciplina fundamentada em valores humanos, morais e filosóficos.

Foi então que captamos a necessidade de reunir as idéias mais concretas em torno do processo educativo, compatíveis com a realidade da Nação brasileira a fim de viabilizar diretrizes, soluções e alternativas humanas tendo em vista o sistema de educação e a ordem moral no ensino superior.

Para tanto, na consecução dessa tarefa, foi imprescindível a pesquisa bibliográfica periódica, o diálogo permanente com especialistas de diferentes áreas de conhecimento, como também, e, principalmente, a vivência cotidiana com alunos de diversos cursos da Universidade.

Portanto, no primeiro capítulo, caracteriza-se a problemática levantada na Universidade, bem como os objetivos a serem alcançados para o aperfeiçoamento do sistema de educação do ensino superior.

No segundo capítulo, um corte epistemológico revela aspectos individuais, sociais, humanos e filosóficos do sistema de educação, caracterizando a comunidade, o universitário, o professor, o currículo e a própria Universidade numa relação de valores humano-filosófico-educacionais que envolvem a dimensão social propriamente dita.

Já, o terceiro capítulo procura destacar a necessidade de transformação de atitudes e comportamentos, tendo em vista a implantação de uma nova moral, uma nova mentalidade no sistema de ensino superior, considerando a valorização da pessoa humana, a dimensão do ser, através da ordem moral.

Finalmente, o quarto capítulo evidencia a importância dos fundamentos filosóficos no ensino superior, para a análise dos aspectos humanos, filosóficos e morais e do papel da Universidade na sociedade atual, tendo em vista a evolução do pensamento humano na sociedade.

## **CAPÍTULO I**

### **INTRODUÇÃO - CARACTERIZAÇÃO DO TEMA PROPOSTO - O PROBLEMA - SUAS LIMITAÇÕES**

Caberá nesse estudo, demonstrar a real importância dos aspectos humanos em paralelo à ordem moral no ensino superior, como determinantes de reais concepções educacionais a fundamentar o processo de ensino-aprendizagem.

O currículo geral da Universidade se apresenta descaracterizado de valores humanos e morais, indispensáveis para orientar os indivíduos na busca do conhecimento.

Portanto, em primeira instância, será importante analisar aspectos do sistema educacional da Universidade brasileira e suas relações e inter-relações com a realidade social, com a comunidade, com a cultura da Nação, com a pessoa humana. E, neste contexto, apreciar, principalmente, a valoração da instituição de ensino superior em seu caráter humano, moral e filosófico.

Nessa análise da conjuntura da Universidade serão levantados alguns aspectos conflitantes existentes no interior da organização. Tais aspectos atualmente intranquilizam, inquietam, trazem insegurança e instabilidade, tanto à instituição de uma maneira geral quanto aos agentes do sistema educacional, professores e alunos, especificamente.

A desordem materialista, por exemplo, tem causado trans-tornos à ordem do ensino. O individualismo tem sido crescente . A competição desonesta toma conta das mentalidades. A corrupção campeia livremente. O imediatismo e o pragmatismo da sociedade materialista geram crises de valores e o ser humano tem sido mas-sificado.

A Universidade, por sua vez, sofre os efeitos da inver-são de valores da sociedade materialista-capitalista. E o sistema de idéias da Universidade não tem reagido ao impacto des-sa pressão externa.

Desse modo, decorrem inúmeros problemas na organização do ensino superior. Surgem efeitos negativos que se traduzem na notória fragilidade do sistema de ensino vigente, na visível de-terioração da forma de educar, de ensinar, na inegável crise das relações de valores e de comportamentos humanos e sociais , na ausência de valores preponderantes, tais como a dignidade, o respeito, a renúncia, o amor, o espírito público, a caridade , na falta de comunicação e do diálogo construtivo.

A principal falha tem sido em aceitar passivamente a in-gerência dessa ordem de valores estranha à natureza humana e aos bons costumes. A falta de credibilidade e de compreensão da realidade humana e dos valores morais não tem oportunizado se-quer o estímulo ao pensar e à reflexão filosófica.

Preocupamo-nos, portanto, com a ausência de uma verdadei-ra filosofia de educação e de uma nova ordem moral, altamente necessárias e indispensáveis à boa formação acadêmica, pessoal



e profissional dos indivíduos, dos agentes educacionais, bem como, à manutenção da ordem, da disciplina e dos princípios democráticos que a Universidade tem o dever de procurar sustentar e valorizar.

Na temática desenvolvida, queremos fazer valer a fé nas relações humanas; fazer valer a importante participação do estudante universitário, do professor e dos indivíduos que integram a instituição, na construção de uma nova Universidade.

Para tanto, traçamos diretrizes, soluções e alternativas humanas associadas a uma dimensão moral a fim de, com veemência, despertar a consciência crítica de todos para uma mudança de comportamento, de mentalidade com o objetivo de alterar também o sistema de idéias vigente na Universidade em nossos dias.

Essa tentativa se configura como essencial para iluminar a razão humana na emergência da dimensão do novo, na direção e elaboração de um sistema de idéias dinâmico, coerente e consciente, voltado exclusivamente para a promoção do homem, à ordem de ser e suas expressões de vida, fundamentado na educação humana e social.

Enfim, as idéias desenvolvidas nesse trabalho, espraiam-se numa concepção filosófica, moral e espiritualista, que têm por objetivo penetrar na realidade sócio-cultural do ensino superior e humanizar os conceitos, as normas, as técnicas que constituem o sistema de educação atual.

## CAPÍTULO II

### O SISTEMA EDUCACIONAL ATUAL NA UNIVERSIDADE: ASPECTOS INDIVIDUAIS, SOCIAIS, HUMANOS E FILOSÓFICOS

#### **2.1. A UNIVERSIDADE E A COMUNIDADE: A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO SOCIAL**

A Universidade tem sido caracterizada, de modo geral, como sendo uma estrutura física. Infelizmente não se tem alcançado o nível de compreensão desejado com relação à sua verdadeira função. Esta tem sido restrita a um quadro referencial imediatista, pois o saber tem sido condicionado ao profissionalismo, quase que tão somente.

A Universidade está se distanciando da preocupação com uma dimensão filosófica e humana. Os valores morais estão sendo relegados a segundo plano. A função chave da Universidade que, em tese, deve ser a transformação dos indivíduos em pessoas, está se descaracterizando. Os objetivos estão se distanciando da ordem humana e o processo de interação Universidade-comunidade tem sofrido rupturas.

O que temos presenciado é um amontoado de cursos visando objetivos imediatos. Entretanto, a Universidade deveria constituir-se em uma comunidade de objetivos mais amplos que os do ensino e da pesquisa. Na verdade, nem todas as pessoas que a com-

põem visam apenas ensinar e aprender, investigar e descobrir , mas também viverem uma realidade maior, sentirem a aventura do espírito humano na conquista da terra, de si mesmo, num clima de fervor e devoção intelectual, conforme Anísio TEIXEIRA.<sup>1</sup>

Parece, todavia, não haver a concepção de que a Universidade deve ser um sistema aberto, voltado para a consciência individual e social, de que ela deve transformar comportamentos criando novos, de que ela deve ser local de interação professor-aluno e professor-aluno-comunidade. E nesse processo estabelecer condições para facilitar o intercâmbio com a vida social , política, econômica e cultural, possibilitando a interpretação mais justa dos fatos existenciais conotados à ordem humana, moral e científica. Segundo TEIXEIRA,

*É, assim, de suma importância que a universidade não só arme o homem com instrumentos indispensáveis ao seu novo poder mecânico e econômico, mas traduza em sentimento e imaginação a significação do novo tipo de vida, a que está ele sendo conduzido em face do progresso científico, cada vez mais amplo e mais extenso.*<sup>2</sup>

O que se observa, entretanto, é a distorção, a descrença dessa realidade maior composta pela razão ética, moral, filosófica, humana e espiritual. Tal fato, favorece a desordem materialista, assumindo propostas até desumanas, ditando conceitos deformados, conceitos exclusivamente em torno do ter e não do ser. O imediatismo reinante na Universidade parece gerar uma espécie de antropofagia cultural, que degrada os valores perenes da vida humana, quando a sensibilidade e a visão de totalidade se restringem a meras concepções de ordem material. Nesse sentido, CRIPPA afirma que: "O reencontro da idéia e da missão

*da Universidade exige um exame das novas realidades sociais que constituem o mundo de hoje e dentro das quais ela deve estar inserida como força espiritual, como fonte de valores e como garantia de um autêntico humanismo.*<sup>3</sup>

Para tanto, é importante pensar nos problemas do momento presente. Por exemplo, cabe aos professores e alunos buscarem sempre juntos o raciocínio necessário, a reflexão crítica sobre os principais acontecimentos que repercutem ostensivamente sobre a educação brasileira.

Tudo o que acontece no mundo tem um significado e reflete imediatamente na sociedade, repercutindo com intensidade também na cultura brasileira. Sabemos, por exemplo, que o sistema de vida norte-americano tem gerado mudanças nos países considerados subdesenvolvidos. E isso tem marcado uma época histórica na Nação brasileira. Portanto, neste caso, é fundamental para o país, que a Universidade pense e promova soluções para esses problemas, os quais fazem parte, naturalmente, do sistema de educação que, pouco a pouco, está se ajustando à realidade brasileira e às circunstâncias da época. Daí, a essencialidade do procedimento de uma reflexão filosófica.

É necessário que a Universidade trabalhe com os elementos técnicos, humanos, culturais e sociais oriundos da comunidade, dimensionando a busca do conhecimento, pensando sempre nos problemas gerados nas situações mais concretas possíveis, levando-se em consideração a época dos acontecimentos. Nesse raciocínio, SAVIANI assevera que:

*Se tomarmos, por exemplo, Aristóteles, Platão, ou outros pensadores reconhecidos como filósofos, veremos que tais pensadores fizeram filosofia exatamente na medida em que pensaram os problemas de sua época. Hoje, quando tomamos contato com os resultados do pensamento aristotélico, tais produtos aparecem como algo acabado, como algo já constituído, parecendo possuir existência autônoma, independentemente do processo que o gerou; no entanto, a filosofia de Aristóteles é o processo de reflexão que ele desenvolveu para chegar a esses resultados. Se nós assumimos a atitude filosófica, cumpre-nos desenvolver um processo de reflexão sobre os problemas que a nossa época está colocando; e se se trata de filosofia da educação, isso implica assumir a atitude de reflexão sobre os problemas educacionais que a nossa situação concreta está nos colocando. Transmissão pura e simples dos resultados da reflexão de Kant, da reflexão de Sartre, e assim por diante, não constitui propriamente a tarefa da Filosofia.*

Percebemos que certos conceitos são tomados como verdades absolutas e permanecem como se fossem leis imutáveis.

Há uma inércia para pensar, questionar e mudar as coisas. Vemos então que o sistema ainda é fechado quando não permite a participação mais efetiva da comunidade no desenvolvimento das idéias favorecendo a reflexão filosófica.

Desconhecemos, todavia, que o povo é profundamente filosófico. O sistema universitário, muitas vezes, bloqueando o canal de comunicação, de condução e de criação mais importante, que é justamente a capacidade de participação efetiva dos elementos da comunidade, enfraquece o potencial cultural da Universidade.

Portanto, as Universidades devem organizar-se, atentando para a identidade cultural da Nação e para os valores legítimos da comunidade em que se expressa. Devem ainda, permitir a interação mútua entre os centros de cultura, a fim de que estudem e interpretem os chamados "*elementos especialistas, alternativos, individuais e universais*".<sup>5</sup>

Por exemplo, vivemos o impacto de modelos sócio-econômicos e culturais importados de outros países, principalmente, dos Estados Unidos. Isso tem acontecido com a tecnologia, a informática e a própria mentalidade cultural daquele povo, trazendo grandes influências e problemas nas áreas especialistas de nosso sistema de educação, como também na cultura do nosso povo, alterando os usos e costumes. Com efeito, a Universidade e o povo brasileiro têm se descaracterizado de seus próprios valores, de sua própria cultura, de seu próprio sistema de vida e de educação.

O que é viável, entretanto, para o povo brasileiro, é a redescoberta de sua própria riqueza, o reencontro com suas verdadeiras origens, o despertar para sua verdadeira identidade, sua verdadeira filosofia em relação aos valores da própria terra. À Universidade de uma maneira firme, decisiva, cabe essa tarefa, de desenvolver uma "*política pedagógica da cultura*", pois faz parte de sua ampla missão, conforme tem preceituado o professor Maury Rodrigues DA CRUZ em suas aulas no mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná.

Outrossim, chamando a atenção para os próprios valores culturais da Nação, Demerval SAVIANI, assim se expressa:

*É nesse trabalho de compreensão e de adaptação constante, para alimentar e renovar a cultura nas fontes vivas da nação, que devemos concentrar o nosso esforço se queremos fazer da Universidade uma obra 'que apresente o interesse mais humanamente geral e represente o mais especificamente o seu país de origem'. Todo o ensino superior, não importa de que natureza, universal no seu espírito e nos seus métodos, aumenta a força de sua vitalidade e de sua eficiência, se partir das pesquisas do meio imediato para as suas construções teóricas e, por certo - porque diretamente centrado sobre o material, as condições e os problemas atuais e pondo-os sob o ângulo de eternos princípios, - enraiza o abstrato no concreto e a meditação na vida e, extraindo a seiva do próprio meio popular e nacional em que mergulha suas raízes, desabrocha com mais vigor e mais brilho na flor do pensamento humano.*<sup>6</sup>

Aquilo que brota no seio da comunidade, como força viva de ação e transformação e que jamais deveria morrer, muitas vezes não se dá o valor necessário, não se aproveita para ser estudado e trabalhado no laboratório cultural, humano e científico da Universidade. Deixa-se morrer tão somente. E, desta forma, perde-se o que há de mais precioso, a grande e maior riqueza que se encontra justamente manifestada no meio popular e que se traduz pelo conhecimento através das diversas formas de comunicação e de criação.

Sabe-se, por exemplo, que em certos países da Europa e mesmo nos Estados Unidos, pessoas com certo grau de conhecimento, são especialmente convidadas pelo governo para ingressarem nos centros acadêmicos e de cultura das Universidades a fim de desenvolverem suas aptidões. Tais pessoas, geralmente, não são

escolarizadas, mas dotadas de faculdades especiais. Portanto , recebem apoio das autoridades federais, e são altamente valorizadas pela comunidade que as promovem.

No Brasil, infelizmente, isso não acontece, e, é o caso das benzedadeiras, das videntes, dos curandeiros, entre outras de potencial elevado, que se manifestam na ordem pública e social, como verdadeiros agentes, criando, transformando e prestando serviços à população. Em nosso país, há um certo descaso para semelhante situação, apesar da grande quantidade e a alta qualidade dos recursos humanos.

Enfim, não se pode dizer que o povo é realmente criativo quando o conhecimento não se fundamenta na técnica, por exemplo. O que queremos dizer é que se a Universidade possui a técnica deve se preocupar em associá-la ao conhecimento para alcançar níveis operativos e criativos junto à comunidade.

O que vemos na Universidade brasileira é um paradoxo, o isolamento casual em relação à comunidade- principalmente, no que diz respeito às descobertas e às inovações - e *"a ênfase quase absoluta na formação profissional, em detrimento das atividades de pesquisa, que torna a integração bastante problemática"*,<sup>7</sup> de acordo com Luiz Eduardo WANDERLEY.

Outro fato, também concreto e marcante, que evidencia a debilitação da Universidade em nossa época é o que temos constatado por exemplo, como professor da disciplina de Estudo de Problemas Brasileiros da Universidade Federal do Paraná, há vários anos, com os alunos de diversos cursos. Ocorre que grande parte



desses alunos, têm demonstrado o desejo de uma formação, apenas, para conquistar o diploma, ingressar no mercado de trabalho e assegurar uma boa posição sócio-econômica.

Nesse sentido, os autores SCHNEIDER, LENZ e PETRY, entendem que:

*A universidade brasileira, em parte uma resultante da sociedade dicotômica, ainda está vinculada aos setores tradicionais da sociedade, na qual um determinado etos vigora. Enquanto os universitários, a maioria oriundos da classe superior e média (em torno de 85%), não pressionarem internamente a universidade para novas vias de solução, mas apenas procurarem confirmarem sua posição sócio-econômica, a universidade brasileira padecerá, provavelmente durante mais tempo, da insuficiência, em definir áreas prioritárias ou seja aquelas áreas ponteadoras do desenvolvimento integral.*<sup>8</sup>

Percebe-se, desse modo, a gravidade do problema existente. A Universidade precisa reformar seus valores. Ela caminha com apatia, insensível ao real e sobrepõe-se às necessidades essenciais de se proceder a avaliações constantes e revisões permanentes em seu sistema de idéias. Na verdade, esse sistema de idéias tem se fixado muito mais na forma que na função no acessório que no principal.

Muitas pessoas encaram os problemas da Universidade unicamente sob seu ponto de vista. O interesse pela própria matéria, a ignorância das situações reais, um pouco de egoísmo ou de ambição, ou mesmo a indiferença e a fraqueza humana, podem levá-las a procurar seus próprios interesses, esquecendo-se do bem geral da instituição.

Ora, para o normal desenvolvimento da personalidade dos alunos, é necessário dar um sentido à vida. Sair do imediato , ou seja, referenciar as coisas, os conceitos e os objetivos a alcançar, em torno de uma proposta viva, dinâmica, libertadora, enriquecedora na ordem do ser, na ordem mediata da vida.

O ensino superior tem pecado nessa parte, pois tem assumido integralmente a mentalidade do consumismo, do tecnicismo , afastando-se do real, do principal, detendo-se no acessório, no ilusório.

O vazio produzido pela falta daqueles requisitos (princípios de humanismo) conduz inevitavelmente ao desregramento, à neurose e até ao suicídio.

Portanto, há necessidade de reflexão crítica e filosófica sobre a gênese da vida, as origens do homem, a história da humanidade, os fatos existenciais humanos, os acontecimentos , numa relação mediata, pois os problemas de nossa origem, de nosso destino, do ser, da dor, do mal, afligem constantemente a humanidade e exigem soluções que esclareçam os espíritos e os orientem.

Portanto, difícil é assumir profundamente a sua verdadeira missão de ser uma instituição livre, autônoma, democrática , voltada para os interesses do homem, da Pátria, educando para a liberdade e ajudando a construir uma sociedade mais humana e mais justa. Ao contrário, vêm precipitando-se no especialismo exacerbado com vistas, exclusivamente, ao mercado de trabalho.

Referindo-se a esse aspecto, Karl MANHEIM comenta que:

*A educação liberal foi perdendo, gradual - mente, toda substância, tendendo a conver - ter-se em ornamento e distintivo dos privi legiados. Atualmente, quase ninguém está satisfeito com esta situação, pois o velho alvo da Universitas, isto é, a universida - de do conhecimento, que aspira a ser mais que um simples instrumento para ganhar a vida, não é mais alcançado. Passamos de re pente, a compreender que uma das razões do colapso moral é a mentalidade do especia - lista que continuou sendo um bárbaro. Os grandes progressos da ciência e da tecnolo gia têm preparado para posições de lideran ça muitos especialistas que, do ponto de vista político e cívico representam 'inca - pacidades bem preparadas'. O treino que re ceberam os converteu em especialistas téc - nicamente eficientes, mas não conseguiu dar lhes um espírito filosófico, único que po - deria ter aprofundado seus conhecimentos ; faltou-lhes oportunidade para adquirir uma compreensão da nossa situação humana e so - cial.*

Por outro lado, os agentes desse organismo universal tam bém deveriam ter consciência de que o conhecimento é a essência do ser, que de forma alguma deverá ser manipulado para interes - se próprio e sim da comunidade em geral. É ilusão, é ignorância pensar que se pode possuir o conhecimento de toda cultura de uma sociedade, pois, *"nenhum indivíduo pode em qualquer época conhecer intimamente o conteúdo total da cultura a que pertenc - ce"*,<sup>10</sup> na afirmação de Ralph LINTON.

Logo, convém à Universidade atentar para os padrões de divisão e de especialização das atividades que permitem aos in - divíduos, aos professores e alunos, aos agentes da instituição de uma maneira geral, funcionarem proveitosamente como membro de sua sociedade, sem possuírem esse conhecimento completo. Pa - ra tanto, é importante observar a cultura da sociedade a que pertencem e verificar que, geralmente, o seu conteúdo pode ser

dividido em categorias, derivadas da extensão em que os elementos existentes em cada uma delas são compartilhados pelos membros da sociedade. Tais categorias, segundo LINTON, podem ser Universais, Especialistas, Alternativas e Peculiaridades Individuais.<sup>10</sup>

O estudo mais apurado dessa classificação trazida por Ralph LINTON, permitiria, sem dúvida, um equilíbrio no sistema de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, traria tranquilidade e segurança ao professor, conscientizando-o do real papel a desempenhar na Universidade, de seus limites sobre o conhecimento que possui, bem como oportunizando-o a ensinar o que realmente sabe. Além do mais, permitiria aos alunos aprenderem o que necessariamente eles desejassem.

Sabe-se que o conhecimento é força, é autoridade moral. Desta forma, processa a libertação para a vida, porém, se não materializado através da ação, se não aplicado à ordem do ser, na promoção da vida humana em toda a sua extensão, será por total nulo, inexistente, irreal, como irreal tem sido a Universidade atual. Nessa dimensão, a comunidade, tendo em vista as instituições sociais, políticas, econômicas e culturais, deverá ser o objetivo maior dos agentes educacionais, no que diz respeito a transmissão e a aplicação do conhecimento alcançado pelos centros avançados da cultura universitária.

Enfim, ter a consciência de que o ideal da Universidade deve ser alcançado por todos os indivíduos participantes da cultura de uma sociedade, já é, sem dúvida, maturidade do senso moral. *"Democratizar o ensino é isso: abrir possibilidades para todos os jovens, e não levar todos eles, indiscriminadamente, à universidade"*, pondera José Arthur GIANNOTTI.

O que não deve acontecer, naturalmente, é continuar permitindo o inchaço das Universidades brasileiras. Alguns cursos estão saturados e como se sabe, popularmente por exemplo, de cada cem engenheiros civis que se formam a cada ano no Brasil, nem o número de cinco consegue emprego imediato.

Ocorre também, que há uma espécie de casta de professores com interesses unicamente salariais e extremamente conservadores, tudo isso colaborando com o nefasto populismo desencadeado hoje nas Universidades, como aborda o filósofo José Arthur GIANNOTTI:

*A participação da comunidade na universidade não é do tipo da cidadania. Chamo de populismo a essa confusão deliberada da cidadania, que é uma razão social, com a relação das pessoas com o ensino superior. A universidade deve ser um lugar onde as pessoas que saibam mais tenham chance de deter o poder acadêmico. Ou seja, os mais capazes devem orientar as pesquisas e formar os estudantes. O Brasil precisa de universidades, nitidamente, como lugar de formação da juventude e de criação de novas tecnologias. O populismo dissolve essas funções, dando prioridade aos interesses particulares de diferentes setores universitários...*

*... Com a enorme expansão da universidade, muitas vezes o recrutamento dos professores não foi feito através de uma seleção rigorosa. O resultado é que há hoje entre os professores uma espécie de baixo clero, uma casta com interesses basicamente salariais e extremamente conservadores. A participação indiferenciada desse baixo clero na direção da instituição leva necessariamente à queda do nível da produção acadêmica. Daí a necessidade de critérios de avaliação que peguem não só os professores individualmente, mas também os departamentos como um todo. As avaliações devem ser feitas por professores absolutamente responsáveis e de grande prestígio na universidade. Assim, se combinará democracia com avaliação séria.*

Contudo, asseveramos mais uma vez que sem a técnica associada ao conhecimento, ou seja, sem a aproximação da Universidade com a comunidade, a criatividade e o sentimento de liberdade não alcançarão seu verdadeiro significado nem na Universidade nem na sociedade.

Deve-se reconhecer, enfim, que a comunidade é a expressão lídima da verdade, pois sem sua participação efetiva na elaboração do modelo ideal de Universidade, será falso e desconexo da realidade o conhecimento por ela difundido, será sempre utópica uma real e verdadeira concepção filosófica de educação para a liberdade. Desta forma, Fernando de AZEVEDO formula seu conceito:

*A universidade não será, pois, como tem sido nas suas grandes épocas, a mansão da liberdade, senão na medida em que nela prevalecer, sobre todos os ideais, o respeito e a pesquisa da verdade, e as instituições em que se enquadrar lhe permitirem guardar fidelidades à sua missão. Não é somente de forças criadoras internas, - a paixão científica, a verdade e a liberdade, - que dependerá o seu desenvolvimento ou de que extrairá a energia para desempenhar o papel que lhe atribuiu a sua importância tradicional. Se ela tem sua fonte nas mesmas vertentes de onde nasceram ou onde se alimentam as instituições sociais, políticas e econômicas, os destinos da universidade e, de um modo geral, os da educação, não podem deixar de estar ligados à estrutura e às finalidades do Estado e às tendências democráticas ou antidemocráticas de cada povo, em determinada época de sua evolução.*<sup>12</sup>

## 2.2. O UNIVERSITÁRIO COMO AGENTE DE MUDANÇAS

Sabe-se que os debates filosóficos tinham grande importância na época medieval, tanto é que aqueles que se interessavam por esses estudos representavam a elite cultural da sociedade. Hoje pode-se concluir que não é privilégio de ninguém o conhecimento da verdade acadêmica e filosófica, porém a Universidade sempre esteve em posição de vanguarda e "*o universitário é o grande intelectual nos centros avançados da cultura*",<sup>13</sup> conforme lembra Afrânio COUTINHO.

Na realidade, o estudante universitário não se encontra limitado apenas a uma posição passiva e receptiva, como vêem alguns. Não deve e não pode ser considerado tão somente um elemento receptor da mensagem informativa e comunicativa. Deve, isso sim, ser valorizado pela sua condição de educador, de agente de mudanças, de sensibilizador, de comunicador por excelência.

A visão acadêmica mais consciente permite descobrir grandes verdades em relação ao estudante. A sua ignorância, por exemplo, pode ser uma condição ativa no processo de ensino-aprendizagem que pode levá-lo, através de um método dialético e da reflexão filosófica, a um estado de espírito, a uma ação educativa, facilitando o desenvolvimento da consciência crítica e a busca do conhecimento. Portanto, a sua influência e sua participação na Universidade poderão resultar sempre em transformações positivas para o sistema de educação. Desta forma, é necessário uma mentalidade mais aberta, por parte, inclusive, dos administradores e professores para compreender a realidade do aluno e a sua capacidade de se expressar influenciando sobre o pensamento dos acadêmicos e processando o questionamento das coisas.

A seguir, Kenneth MINOGUE observa como o estudante deve ser tratado no momento do processo de ensino-aprendizagem:

*O estudante deve ser especificado em primeiro lugar em termos de sua ignorância. Seria totalmente errado, de qualquer modo, considerar esta ignorância como um espaço vazio a ser preenchido por um suprimento de informações fornecido por catedráticos. De acordo com uma visão acadêmica correta de como se constitui o conhecimento, a ignorância do estudante é uma condição ativa, que seria um dos componentes necessários de uma tradição acadêmica. O estudante seria um Sócrates cuja sabedoria consiste no fato de que ele sabe que nada sabe. Ele é portanto um questionador que não se detém à primeira questão; não importa como uma explanação se desenvolva, ela deve questionar, continuamente. Pela sua mera existência, exerce uma influência sobre o pensamento dos acadêmicos. Apenas se realizar seu trabalho adequadamente, forçará seus professores a explicar-lhe suas convicções em uma linguagem que possa entender. É o estudante que tende a impor às universidades a simplicidade de expressão e o acesso público.*<sup>14</sup>

Com base na reflexão de MINOGUE, podemos compreender que o estudante universitário se enquadra em níveis de operacionalidade ativa e de mudança. Pode-se, todavia, conceituá-lo como um sensibilizador de massa, um agente de transformação que opera no social através dos grupos sociais - família, escola, sindicatos, Estado, religião, etc. - criando, produzindo e participando em todo o campo do conhecimento humano, científico, filosófico, cultural, etc. Nessa ação, valoriza-se a consciência nacional.

Como professor, hoje, temos percebido que o estudante tem sido o idealizador de um Brasil novo. Nota-se uma preocupação ardente em querer melhorar os conceitos de vida e para tanto ,



sente-se entusiasmado e valorizado quando é sensibilizado a participar ativamente da pesquisa e do debate sobre a realidade nacional.

Temos constatado grandes avanços por parte dos alunos , principalmente quando lhes é facultado o direito de assumir compromissos, exercitando a autoridade moral, agindo e interagindo, sentindo e se conscientizando do valor da diciplina e do seu papel dentro da instituição e da sua função fora dela.

*"A mentalidade universitária brasileira jamais negou a consciência nacional, a Pátria brasileira foi e continua sendo, o centro de nossas atenções, o estudante é o agente do novo. A universidade é a fábrica de idéias, o encontro da intelectualidade, a soma da expoência do ser Brasil".<sup>15</sup>*

Apesar de concordarmos com as idéias do professor Maury Rodrigues da CRUZ, observamos que a classe estudantil tem sofrido restrições por parte das autoridades governamentais, da própria Universidade e também dos círculos intelectuais. Tem sido contida em suas ações.

Em conseqüência do processo político pelo qual a Nação passou nos últimos anos, as classes estudantis foram impedidas de alcançar o ideal de construir uma Universidade verdadeiramente democrática.

Ao estudante nem sempre é reconhecido o seu valor, o seu conhecimento, principalmente, pelas classes ditas intelectualizadas que manifestam receio em perder suas posições, em ver os estudantes aprendendo, crescendo e evoluindo para estágios mais avançados da cultura da sociedade. O estudante de hoje deverá ser o professor, o político, o intelectual de amanhã.

Mas, infelizmente, o próprio estudante universitário , muitas vezes, não tem consciência de sua função de educador e não se considera como tal. Não se apercebe do que realmente é e representa na comunidade. Portanto, restringe-se a sua ação. Limita-se o seu potencial e a sua capacidade de agenciar mudanças no meio em que vive. Torna-se alienado. Transforma-se em agente passivo à espera sempre de informações prontas e fórmulas acabadas. Enfim, essa imagem negativa do estudante se prolifera e passa a ser desacreditado pelas chamadas elites cultas, intelectuais universitários e extra-universitários.

Na verdade, predominam avaliações restritivas, imagens e conceitos negativos e irreais, que alimentam representações deformadas inclusive do que é positivo na produção intelectual do que "os universitários" conseguem fazer, segundo Florestan FERNANDES.<sup>15</sup>

*Há o jornalista brilhante, que desfaz do 'universitário' porque acredita que as universidades são abrigam professores interessados nos proventos resultantes do tempo integral. Há o industrial inteligente, que descrê do 'universitário', porque lhe parece serem seus estudos destituídos de significação 'prática'. Há o sacerdote piedoso, que combate o 'universitário' por estar convicto de que seu ensino contamina as consciências. Há o profissional liberal, universitário por preparação, que subestima o 'universitário', por causa de aspirações de carreira frustradas ou em virtude de experiências próprias com um ensino superior cheio de deficiências e suscetível de enormes aperfeiçoamentos elementares. E por aí fora...*<sup>16</sup>

Esses intelectuais, por sua vez, talvez não se apercebam também, de que a alienação, a descaracterização, a própria subestimação atribuídas ao universitário, podem ser meios utilizados consciente ou inconscientemente, para justificar o desequilíbrio educacional, o desajustamento da ordem social, o comprometimento que é de todos, do sistema social, de todo um complexo institucional, de toda uma sociedade, de todo um sistema de idéias existentes na Universidade e não só dele - o universitário.

Conclui-se, portanto, que não basta e é estreiteza de idéias vociferar os problemas apenas de um plano diminuto que envolva tão somente a questão universitária. É necessário voltar a atenção também para a ordem social.

A classe estudantil, sempre que possível, deve, ao menos, ser consultada para colaborar na elaboração dos programas e dos currículos necessários ao aperfeiçoamento do ensino superior. O estudante universitário jamais poderá ser deixado de lado. É o arquiteto da nova Universidade, é sem dúvida, agenciador, conotador e inseridor de idéias no contexto social, político, econômico e cultural da sociedade brasileira.

Lamenta-se encontrar, hoje, grande parte de nossas universidades desaparelhadas; falta de valores sobrenaturais e humanos que possam realmente levar o aluno a sentir o problema de sua formação e interessar-se por ele.

É uma lástima ver a Universidade estática, parada no tempo e no espaço, isolada da comunidade, processando, ainda, a reafirmação e a repetição de conceitos tradicionais. As Univer-

sidades estão dotadas de currículos rígidos, prontos, indiferenciados, fechados, planejados de cima para baixo, quase sempre irreais e inadequados, não atendendo a emergência do momento , não levando em consideração a vida, a identidade cultural e social de cada aluno, como veremos mais adiante.

Verificam-se, também, problemas de ordem interna, como por exemplo, a burocracia desnecessária sustentada por legisladores nem sempre suficientemente esclarecidos que exigem requisitos que na contingência atual são impossíveis de se realizar, ou impedem que as idéias novas cresçam e ameacem reformar a situação atual.

Para tanto, faz-se necessário a participação ativa do estudante para que obtenha uma boa formação pessoal e desenvolva satisfatoriamente sua consciência crítica.

Achamos que a Universidade precisa se humanizar. Para tanto, deve promover o aluno de todas as formas. Há necessidade de abrir as instituições de ensino universitário durante o máximo de tempo possível. O aluno na verdade deve entrar na escola para gostar e ficar nela.

Com pesar, vemos em nosso país que certos alunos sentem insatisfação, desgosto pelas aulas. Outros sentem, também, repúdio, indiferença e descrença das instituições de ensino e do sistema de educação vigente no país.

Em nosso país, os estudantes entram nas escolas e já quem sair, ao contrário de alguns países europeus, por exemplo , onde a mentalidade é permanecer na escola. Ocupam e vivem den -

tro das instituições, com elas, para elas. Fazem reciclagens , aperfeiçoando-se continuamente. É o que as nossas escolas e Universidades reclamam.

A Universidade deve pensar em p<sub>r</sub>ever e em p<sub>l</sub>anejar para melhor instrumentalizar seus alunos. O estudo das possibilidades futuras e dos meios a empregar para alcançar o objetivo exige a participação de todo o pessoal (administradores, p<sub>r</sub>ofessores e alunos), no campo de suas atribuições. Todos trazem para este estudo o concurso de sua experiência, aliado ao sentimento de responsabilidade que lhes será atribuída na realização do programa.

A Universidade, enfim, deve, continuamente, sensibilizar o jovem para buscar e ampliar seus conhecimentos; deve também pensar em manter campos de esporte para divertí-lo e permitir - lhe um movimento sadio; em criar salas de estudo e de leitura onde os alunos encontrem um ambiente de sossego para suas tarefas escolares; em orientar o estudante em muitos problemas de sua vida.

É necessário abrir espaços para que o estudante possa ocupa-los democraticamente. É preciso aceitá-lo como ele realmente é, deixá-lo caminhar livremente, agir, pensar, falar, fazer, ir, permanecer, ficar com plena consciência de ser.

É preciso modelar uma Universidade dinâmica, autêntica , verdadeira, aberta, real e consciente, humanamente determinada por uma estrutura ética, moral, que sustente uma verdadeira filosofia de educação para a liberdade. Uma educação que inspire,

não constranja. Uma educação que promova o exercício de pensar, refletir, meditar, criticar, alterar, construir. Uma educação que favoreça o bem, para que se possa alcançar o ideal de um mundo melhor.

### **2.3. O CURRÍCULO, A CRIATIVIDADE E A CONCEPÇÃO DO NOVO NA UNIVERSIDADE**

Com a rápida velocidade e intensidade com que se propagam as idéias através dos meios de comunicação, que a própria tecnologia e a cibernética imprimiram, não se pode atualmente negar que os currículos das escolas deverão ser mais dinâmicos, abertos, flexíveis e emergentes. Do contrário, não poderão atender com eficiência e empenho o grande heterogêneo estampado nos diversos níveis de conhecimento e nas infinitas e diferenciadas formas de comportamento e de compreensão da realidade que apresenta o grupo universitário.

A pluralidade, na Universidade, permite o dimensionamento de uma ordem de valores que deve ser prevista pelos educadores na composição do currículo mais adequado às circunstâncias atuais. Conforme MINOGUE, pluralidade e independência representam a essência da Universidade, e indubitavelmente constituem a razão de sua vitalidade.<sup>17</sup>

O currículo deve obedecer a essa condição, pois o pluralismo tem conotações democráticas e inspira a busca da verdade Universal.

A Universidade que leva em consideração o ser plural, o ser humano, naturalmente, saberá melhor compreender o conceito de currículo em educação que, por sua vez, tem sofrido reformulações através do tempo. Reformulações essas que atendem as transformações sociais, políticas, econômicas, científicas, técnicas, os objetivos e funções do ensino e de educação:

*"No passado currículo era o programa de ensino, uma lista de matérias a estudar, sob a orientação do professor. Era essencialmente um conjunto de conhecimentos a memorizar. O ambiente escolar pouco importava aos planejadores de currículo."*<sup>18</sup>

Atualmente o conceito de currículo tem mesmo sofrido mudanças. Dalilla C. SPERB faz a constatação:

*"Modernamente encaramos o currículo como todas as atividades, experiências, materiais, métodos de ensino e outros meios empregados pelo professor ou considerados por ele, no sentido de alcançar os fins da educação."*<sup>18</sup>

É muito importante que o currículo em todas as áreas de ensino na Universidade seja abrangente; permita a flexibilidade em torno daquilo que realmente é; seja aberto para receber as influências do meio, do social, da comunidade local, regional, estadual, nacional, internacional e humana; seja emergente e sempre respeite todos os níveis da cultura da sociedade, primando pela identidade dos indivíduos. Assim vemos a concepção de Jerome S. BRUNNER:

*"A elaboração de currículos tem lugar em um mundo em que as condições sociais, culturais e políticas em mudança alteram continuamente o meio ambiente e as metas das escolas e de seus alunos."*<sup>19</sup>

FLEMING, por sua vez, acentua que o currículo, na verdade, não emerge simplesmente como um plano forjado na mente dos educadores. Reflete as condições da sociedade, os problemas sociais, políticos, econômicos e culturais.<sup>20</sup>

A filosofia teve papel importante no processo de mudança do conceito de currículo em educação neste século. A partir dos estudos realizados nas primeiras décadas do século XX, o currículo passa a ser visto sob diferentes ângulos. Por vezes, salienta os objetivos de ensino; em outras, dá ênfase ao exercício como meio de aprendizagem. A evolução da definição de currículo, ao mesmo tempo, ampliou-se e pode ser acompanhada em Caswell que, com Campbell, em 1935 adota o conceito de currículo como experiência, após a análise da instrução baseada em livros textos, considerada por ambos como ineficaz, conforme trata o professor Maury Rodrigues da CRUZ<sup>21</sup> em sua obra Antecedentes e Perspectivas da Moral e Cívica no Brasil.

Um conceito mais abrangente de currículo passa a se preocupar fundamentalmente com o aluno, com a sua vida na escola, na família e na comunidade. Portanto, o currículo precisa ser flexível, variar de acordo com as diferenças, com a identidade de cada aluno.

Lamenta-se verificar que o sistema de ensino em nosso país, hoje, sofre uma intensa massificação. A começar pelos chamados cursinhos que organizam uma verdadeira máquina para ensinar. Através de esquemas altamente condicionadores, os alunos são levados a prestar vestibular nas Universidades. Em consequência, muitos tem ingressado nos cursos universitários por acidente, após terem vencido o sistema massificante do vestibular. E



a Universidade conta hoje com alunos de baixo nível escolar e cultural; alunos despreparados, desorientados, frustrados, inclusive, por não terem se identificado com a proposta do curso, com o sistema de idéias na Universidade.

O que se vê é uma grande defasagem entre o que o aluno é, ou tem trazido em seu currículo de vida, e o que a Universidade traz, ou seja, de cima para baixo, um sistema de educação já pronto, formulado e acabado.

Essa situação caracteriza o que já evidenciamos até agora em nosso trabalho - a distância da Universidade dos valores da comunidade. A integração é um fator preponderante para a composição de um currículo autêntico e real. A participação da comunidade contribui para o desenvolvimento da consciência crítica. A Universidade não pode ser real sem sofrer a influência dos grupos sociais que se constituem numa força de transformação social.

No processo da educação, principalmente no sistema de ensino universitário, essas metas devem ser alcançadas. Toda forma de participação e todos os tipos de elementos que representam os vários setores da atividade humana e a comunidade em geral, são importantes para contribuir no planejamento, no aperfeiçoamento e na avaliação de currículos. Nesse sentido, Dalilla C. SPERB pronuncia que:

*O processo de participação pública no planejamento de currículos escolares contribui para a formação de uma melhor atitude pública com respeito à escola. A comunidade que é convidada a opinar sobre suas escolas toma consciência de sua responsabilidade pela formação das gerações novas. Para*

*participação na avaliação de um currículo não quer dizer somente criticá-lo. Avaliar o trabalho da escola é ao mesmo tempo avaliar a comunidade. Do exame conjunto devem nascer as sugestões para o aperfeiçoamento do currículo. Essa tarefa pressupõe o esforço comum da comunidade e da escola. Lembremos que a criança e o jovem não recebem unicamente a influência e as experiências proporcionadas pelo currículo que se desenvolve dentro da escola. A família, a igreja, as instituições recreativas, o exemplo dos adultos em geral, tudo isso é currículo (Caswell). O aperfeiçoamento de um currículo exige apelo à consciência da comunidade em geral e isto faz parte da técnica de planejamento de currículo.*<sup>22</sup>

No ato de planejar, a Universidade não poderá descuidar, evidentemente, da figura grandiosa do professor que com a sua valiosa experiência deve proporcionar situações de ordem e equilíbrio, facilitando o processo de ensino-aprendizagem, quando participa e tem interesse na promoção do aluno para uma vida melhor. A figura do professor jamais deverá ser esquecida no planejamento do currículo, a fim de alcançar o aluno, oferecendo-lhe todos os seus préstimos, os seus conhecimentos e possibilidades educativas. A experiência do professor permite selecionar e organizar o conteúdo dando condições para que o aluno descubra sua própria capacidade utilizando sua inteligência que conduzem à aprendizagem.<sup>23</sup>

Para todos os fins na Universidade, desde o ensino teórico-prático até à pesquisa em áreas mais férteis, o professor sempre será o pilar, a viga mestre no desenvolvimento das experiências sensibilizando os indivíduos e o grupo a um momento novo, a atingirem níveis de criatividade. Para isso, tem que ser criativo.

*O professor criativo planeja e desenvolve experiências apropriadas às várias situações de ensino e então replaneja, reorganiza, esclarece, amplia, avalia e reavalia enquanto progridem as atividades de aprendizagem. Ele também cria situações nas quais os indivíduos e grupos planejam, avaliam e reavaliam seu trabalho; não evita ou substitui áreas do programa, ao contrário, inter-relaciona-as, para dar profundidade e largueza aos planos do currículo.*

Com essa informação de FLEMING, sentimos o quanto a Universidade necessita que seu sistema de educação seja amplamente aberto, a fim de que seus agentes educacionais desenvolvam a criatividade a partir de toda a realidade emergente.

Para tanto, é produtivo e salutar o intercâmbio entre todas as áreas de ensino da Universidade. Temos tido, por exemplo, a satisfação de presenciar esse acontecimento na disciplina de Estudo de Problemas Brasileiros da Universidade Federal do Paraná, onde alunos de diversos cursos têm se encontrado para alcançar objetivos comuns.

Com efeito, tem-se verificado um excelente índice de aproveitamento nas pesquisas desenvolvidas pelos grupos de estudo, pois existindo a pluralidade de idéias e as experiências diversificadas, há estímulo à criatividade e conquistam-se grandes resultados com características de promoção humana e educativa. O processo de ensino-aprendizagem nessa situação tem sido altamente criativo. O heterogêneo, nesse caso, apesar de um maior esforço, favorece a flexibilidade e a expansão do currículo.

Portanto, é grande o nosso contentamento quando constatamos que os alunos conseguem obter sucesso e realização pessoal nos trabalhos desenvolvidos. A experiência tem nos ensinado que

não se pode afastar daquilo que realmente é e existe em termos de vida, valor e fato. E temos partido, justamente, do conhecido, do existente, do real, do concreto para compormos um programa de ação educativa em favor da comunidade.

A criatividade, sem dúvida, é o nascer e o renascer da Universidade, é a materialização do novo. Portanto, os agentes do processo de educação, os pensadores, filósofos, sociólogos, cientistas, técnicos, enfim, os organizadores do currículo, precisam ter consciência plena de que a criatividade estimula a razão, liberta o ser, vivifica a pessoa, constrói a Universidade. A criatividade leva à descoberta e à inovação. Robert S. FLEMING, atenta para a importância da criatividade quanto ao currículo:

*Parece importante que os responsáveis pela organização do currículo testem as pesquisas e os artigos escritos sobre criatividade de para se orientarem em relação à natureza das experiências criativas, compreensão do processo criativo, aspectos do ensino criativo e características do potencial criativo e que eles comecem a transferir conclusões existentes em planejamento e execução do programa.*<sup>25</sup>

Enfim, a constante na Universidade deve ser a mudança. Muitos são contrários a quaisquer investidas para se mudar as coisas. Mudar, realmente, implica em romper velhas estruturas, em estabelecer novos processos de ensino-aprendizagem e aprender significa modificar o comportamento, assumir nova mentalidade, criar prontidão para a participação consciente da realidade social, política, econômica, cultural.

O educador, hoje, mais do que nunca, precisa estar identificado com os valores da vida, senão estará sempre defasado, limitado em sua ação, restrito com relação a visão do todo e, por conseguinte, distanciado dos objetivos principais da vida, dos conceitos de verdade. Estará, conseqüentemente, divorciado da realidade educacional humana.

Inovar, requer, acima de tudo, muita coragem, muito esforço e despreendimento pessoal, principalmente, porque a incorporação de um elemento novo na cultura da sociedade, num primeiro estágio, é um processo difícil que quase sempre esbarra no ceticismo, na indiferença e na desconfiança daqueles que estão vivendo dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade. Desta forma, percebe Ralph LINTON:

*Em geral o membro de uma sociedade não discute sua cultura e é sempre muito cauteloso em aceitar um elemento novo, a não ser que suas vantagens sejam evidentes. Tudo que se desvie muito dos padrões estabelecidos será encarado com desconfiança e trará provavelmente ao seu inventor mais ridículo que prestígio.*<sup>26</sup>

Em conclusão, a Universidade precisa estar atenta para esses fatos e possuir a compreensão necessária para encarar essa realidade com otimismo, perseverança, a fim de poder constituir novos conceitos e novas interpretações de seu currículo, quando as circunstâncias e o momento assim o exigirem. É animador, saber, por exemplo, que "contemporaneamente, o currículo tem recebido um enfoque sistêmico que envolve um plano para prover uma série de oportunidades e objetivos a alcançar. O sistema é visto como um conjunto de elementos em interação organizados com o fim específico de atingir os objetivos propostos",<sup>27</sup> segundo o professor Maury Rodrigues da CRUZ.

A tomada de consciência dessa tarefa, certamente, exigirá muita renúncia mesmo, muito sacrifício e, com certeza, a sensação de perda sempre invade a alma despreparada para esse desafio. Ninguém quer perder.

#### **2.4. O PROFESSOR COMO AGENTE SENSIBILIZADOR E FACILITADOR DO NOVO**

Face à dimensão moral na Universidade, pode-se indagar : as coisas estão prontas? Foram dadas todas as respostas? É claro que não, respondendo a ambas as perguntas.

Jamais se pode pensar numa Universidade pronta, acabada, realizada, pois a verdade é relativa e na dialética do tempo , tudo requer uma nova conceituação, uma nova avaliação dos valores humanos, sociais, políticos, econômicos e culturais.

Lançam-se constantes desafios à frente do homem e ele se vê forçado a buscar novas formas de vida, novas soluções próprias, adaptáveis e viáveis a cada situação e a cada momento com os quais se defronta.

Portanto, a Universidade é a força do novo, não pode parar no tempo e no espaço. Deve ser um centro de cultura ativo e dinâmico, pronto para efetivar mudanças constantes. Deve, constantemente, despertar o interesse pelo cultivo da inteligência, pela renovação das idéias, pelo progresso do pensamento e da razão humana. Segundo Anísio TEIXEIRA,

*as universidades não serão o que devem ser se não cultivarem a consciência da independência do saber e se não souberem que a suprema virtude do saber, graças a essa independência, é levar a um novo saber. E para isto precisam de viver em uma atmosfera de autonomia e estímulos vigorosos de experimentação, ensaio e renovação. Não é por simples acidente que as universidades se constituem em comunidades de mestres e discípulos, casando a experiência de uns com o ardor e a mocidade de outros. Elas são com efeito, apenas instituições de ensino e pesquisa, mas sociedades devotadas ao livre, desinteressado e deliberado cultivo da inteligência e do espírito e fundadas na esperança do progresso humano pelo progresso da razão. O seu clima é o da imaginação, no que tem de mais potente este aspecto de nossa vida mental. O seu ofício é a ventura intelectual, conduzida com o destemor e a bravura da experiência, estimulada pela juventude, que quer aprender para ir com o seu novo saber à base do velho, até o desafio deste.*

Contudo, constata-se que as escolas têm insistido na utilização de mecanismos já superados, ultrapassados pelo tempo e muitos métodos de ensino já não satisfazem mais às necessidades básicas dos alunos.

O professor, por sua vez, que antes de mais nada é um educador por excelência, um sensibilizador, um facilitador, um agente de transformação da sociedade, não raras vezes, vê-se comprometido com um sistema de idéias condicionado, alienado, incoerente. Nesta perspectiva, é, fatalmente, levado a seguir determinados esquemas e programas prontos e fechados, previamente elaborados, sem se levar em conta a realidade objetiva do educando e da comunidade acadêmica em geral.

Essa situação, na verdade, é resultante da falta de unidade de ação na Universidade, pois cada indivíduo parece agir por sua própria conta não procurando alcançar a finalidade do todo. Destrutivo é o enclausuramento dentro do seu campo de trabalho. Negativo é o armazenamento do conhecimento. Egoísta e desvirtuado é esse tipo de comportamento. Mas, infelizmente, tem acontecido.

Na disciplina que lecionamos - Estudo de Problemas Brasileiros - na Universidade Federal do Paraná, por exemplo, é comum alunos argumentarem que certos professores de determinadas áreas não chegam a transmitir tudo aquilo que sabem e que seria necessário fazê-lo.

Ao lado desses indivíduos, temos aqueles que por um falso zelo ou por razões de interesses econômicos, estão continuamente a trabalhar em outros campos, ocupando-se de coisas que não dizem respeito à Universidade, exercendo outras funções, acumulando cargos, estrangulando, deteriorando, ocasionando a antropofagia no sistema de ensino.

Uns e outros são causa de desgostos e reclamações, produzindo mal-estar na Universidade. O ideal seria que houvesse consciência moral por parte de cada um e que todos obedecessem às leis e essas fossem mais sérias, aplicadas quando necessário.

Sucede, pois, que os professores para poderem desempenhar bem as suas funções, precisam possuir plenas condições para o ensino, como recursos técnicos, humanos, econômicos. Enfim, tudo o que for racionalmente necessário para poderem cumprir o seu trabalho com dignidade, respeito e suficiência didática-pedagógica.



Mas, infelizmente, a Universidade não tem realizado uma boa política de educação. Consequentemente, ocorre o desinteresse e o ensino tende a se desqualificar cada vez mais.

O espírito e o trabalho da organização devem encorajar os professores a aperfeiçoarem seus métodos. Auxiliá-los em suas dificuldades, levá-los a frequentar cursos de extensão universitária, oferecer-lhes oportunidades para que façam reciclagem em seus métodos de ensino, assisti-los na leitura de livros e nas pesquisas que possam ser úteis, como também, procurar melhorar sempre mais as instalações materiais das salas de aula.

Tem sido desagradável para nós, por exemplo, encontrar , frequentemente, na Universidade Federal do Paraná, alguns recintos mal aparelhados, desgastados e depredados. Há salas de aula, onde é impraticável o desenvolvimento de atividades acadêmicas normais. Chegando a pormenores, é comum encontrarmos ambientes altamente poluídos pela fumaça e pelo residual de pontas de cigarros deixados por alunos e até por professores.

A sala de aula, sendo o centro das atividades educativas, tem que ser respeitada.

A construção, o asseio, o mobiliário e a ornamentação das salas de aula devem, pois, obedecer a rigorosos preceitos de higiene e estética.

Convém lembrar que a educação é o princípio da moralidade e também, lamentar que a filosofia esteja ausente para trazer o verdadeiro sentido do pensar, do fazer, do ser, da liberdade e da responsabilidade.

Uma prática educativa reiterada pela ordem moral criaria, na casa e nos indivíduos, um espírito de animação e de entusiasmo que somente poderá reverter em bem aos alunos. Os professores precisam estar animados de um espírito fundamentalmente otimista procurando ser sempre construtivos em suas funções.

Acontece, porém, que enquanto alguns professores e administradores são ativos, trabalhando sempre, estando sempre alerta para reparar as fraquezas e debilidades, buscando sempre novos meios de aperfeiçoar as técnicas de ensino na Universidade, outros seguem a regra de introduzir o menor número possível de mudanças e de novidades. Já que tudo corre tão bem, dizem, para que modificar as coisas?

Por outro lado, verifica-se que o sistema de ensino tem sido autoritário e impiedoso com os alunos. No que diz respeito, por exemplo, à atribuição de conceitos e notas, nada mais racional, coerente, justo e digno, do que transferir aos alunos a responsabilidade de procederem a auto-avaliação, atribuindo a si próprios os conceitos e notas a que fizerem jus. Mas esse procedimento não tem sido adotado, pois o sistema autoritário e paternalista ainda predomina.

A princípio, condicionados que estamos pelo sistema tradicional, parece-nos ser impossível tal atitude, pois os educandos não se mostram capazes de assumir a responsabilidade de se auto-avaliarem no processo de ensino-aprendizagem. Todavia, vemos que a parte do educador é tão grande na manutenção da disciplina e da educação moral, que, na medida que o educando vai progredindo, e se tornando cada vez mais capaz de exercer a responsabilidade, pode e deve o educador deixar-lhe maior liberdade de dispor de si mesmo.

A liberdade consiste essencialmente na capacidade de auto-domínio e auto-determinação.

A função da autoridade, porém, deve ser a de criar no educando a capacidade de ser responsável dos próprios atos e de auto-dirigir-se. Somente assim a educação atingirá seus fins e permitirá um desenvolvimento humano justo e verdadeiro das personalidades integradas no processo de ensino-aprendizagem.

Para tal concretização, o comportamento do professor deve ser exemplar. A retidão de seu caráter deve concorrer para isso. Aliado ao interesse pelo aluno, deve vir o controle do próprio comportamento e uma delicadeza firme nos modos de agir, de falar, de corrigir, de ensinar. Poucos alunos se rebelam diante de uma correção merecida e bem feita, mas quase nenhum suporta um tratamento brutal por parte do mestre.

Enfim, é necessário começar a valorizar a idéia de que os exames e provas não podem ser o único critério de promoção. A promoção por exames e provas leva em consideração o programa desenvolvido, e não o desenvolvimento do aluno, o aperfeiçoamento e o crescimento de sua personalidade durante o curso.

O atual sistema de promoção só favorece os alunos que merecem, e favorece o espírito de aventura que o pragmatismo dominante na vida social vem trazendo para dentro das escolas.

A função docente só se exercita quando há aprendizagem de alunos, e a aprendizagem não está na razão direta das dificuldades que o professor cria nas matérias que leciona. Só é bom professor o que faz seus alunos aprenderem muito. E para isso não deve fazer a matéria nem mais difícil nem mais fácil do que

ela é. Deve apresentá-la de forma a atrair o interesse dos alunos. Deve levá-los ao trabalho pessoal e voluntário de conquista e assimilação da matéria de estudo, para que venham a desenvolver suas capacidades e formar sua personalidade.

Um professor que muito reprova, pouco formou, enquanto que um professor que aprova um número razoavelmente grande de alunos, apresenta maior probabilidade de tê-los formados.

Toda vez, pois, que o controle revelar pouco aproveitamento dos alunos, o mestre deve examinar sua consciência, para ver se o defeito não depende, em grande parte, dele.

Um ponto fundamental é que o educador precisa fazer-se amar, se quiser fazer-se respeitar. Amor chama amor. O educador deve realmente se interessar pelo bem de todos os seus subalternos. A caridade, a paciência, o acompanham constantemente no mandar e no corrigir. O educador consciente procura transmitir a seus alunos confiança, serenidade, alegria e amor.

O sistema atual da Universidade precisa sofrer mudanças urgentes nesse sentido. Deve imediatamente difundir-se a mentalidade de que o aluno deve ser promovido para que amanhã seja mais eficiente e mais criativo que o professor.

Entretanto, o professor hoje pode estar sendo também uma vítima de todo o processo de massificação do ensino existente na sociedade atual.

Talvez, com a expansão dos meios de comunicação, o mestre realmente tenha perdido o antigo poder de ser o guardião e o transmissor da cultura cuja significação e limites conhecia e, sobretudo, era o mais importante transmissor dessa cultura, es-

tando em seu poder comandar até certo ponto a formação do educando. Em consequência passou a ser apenas um contribuinte para a formação do aluno, que recebe, em relativa desordem, por esses novos meios de comunicação, imprensa, rádio e televisão, mas sa incrível de informações e sugestões provenientes de uma civilização agitada por extrema difusão cultural e em acelerado estado de mudança.<sup>29</sup>

Mas, a verdadeira função do professor, hoje, muito mais caracterizada como um educador por excelência, um sensibilizador e facilitador da mensagem cultural e social, um legítimo "in térprete consciente ou inconsciente da subconsciência da humanidade",<sup>30</sup> não pode ser depreciada, nem desvirtuada. O professor, hoje, deve ser mais sensível às causas humanas do que nunca. Deve ser mais humano, mais criativo. Tem que ser um filósofo. De acordo com Anísio TEIXEIRA:

*O professor de hoje tem que usar a legenda do filósofo: 'Nada que é humano me é estranho'. Tem de ser estudioso dos mais embaralhados problemas modernos, tem que ser estudioso da civilização, tem que ser estudioso da sociedade e tem que ser estudioso do homem; tem que ser, enfim, filósofo...*<sup>31</sup>

O professor é sempre um educador, e o educador não pode ser equiparado a nenhum feito eletrônico. "Ao lado da informação e da técnica, deve possuir uma clara filosofia da vida humana, e uma visão delicada e aguda da natureza do homem",<sup>32</sup> nas palavras de Anísio TEIXEIRA.

*Com o ato de ensinar, ou por causa dele , algo de misterioso constitui-se na interioridade dos alunos. O gesto desencadeador é a ação do professor: suas idéias, suas convicções, suas palavras, seu comportamento. Não importa o objeto da exposição, da investigação ou do debate. Mesmo quando não cria um saber novo, o professor não pode ser reduzido à condição de mero transmissor de um saber já feito. Não pode ser equiparado à página de um livro nem às vibrações de um aparelho eletrônico. No mundo humano, o professor é sempre um educador.*<sup>33</sup>

Em que pese as considerações de Adolpho CRIPPA, a concepção da Universidade tradicional está tão arraigada ainda em nossos meios, que as personalidades integradas no processo de ensino-aprendizagem não se deram conta de que os tempos são outros. Os costumes da sociedade sofreram alterações, o processo cultural trouxe mudanças, a clientela universitária, por sua vez, enfrenta-se, hoje, num processo de busca muito mais acelerado. Isto porque já traz em seu bojo o gérmen do conhecimento muito mais amadurecido, em estado latente, dado a significativa e fantástica explosão das idéias e das informações geradas através dos meios cibernéticos na sociedade contemporânea.

Em consequência, a figura do professor está desgastada em meio a isso tudo. Porém, mais do que nunca, sua presença tem sido exigida nos meios universitários, não como o dono da verdade ou do saber já feito, ou de uma figura paternalista, detentora do poder, do saber, sentado no alto da cátedra, mas como um condutor moral da mensagem educativa, catalizador do processo de ensino, direcionador das idéias, enfim, como alguém que sensibiliza, estimula, fala, ouve, pensa, sofre, chora, sorri, ama, perdoa, compreende o aluno, o grupo, a educação, a Universidade. Stanford C. ERICKSEN, analisa a real função do professor:

*... o professor está sendo pressionado, com intensidade crescente, para que se envolva em julgamentos de valor. Insistem para que vá além da sua função tradicional de prestar informações e que ajude os estudantes a definirem as suas linhas básicas dos valores humanos em relação com a sociedade e com os desenvolvimentos presentes e futuros da disciplina. O instrutor se encontra em posição de ajudar os estudantes a combinar os meios com os fins, a ligar a metodologia com o conteúdo e a validar os dois em termos dos <sup>34</sup>propósitos sociais da educação superior.*

## 2.5. A INVERSÃO DE VALORES NA UNIVERSIDADE

A Universidade, por sua vez, não poderia deixar de sofrer os reflexos da ordem materialista-capitalista que no momento atual tem trazido desequilíbrio para a sociedade humana.

E como se vê, realmente, o sistema de idéias da Universidade tem muito mais induzido as pessoas ao individualismo, ao egoísmo, à luta descomedida pelo ter e pelo poder, do que, propriamente, ao espírito público, ao interesse comunitário, aos graus de sociabilidade, à promoção humana e sócio-educacional das mesmas.

É notório, por exemplo, o desinteresse de alguns professores em lutar pelo melhoramento dos currículos dos cursos, oportunizando a revisão de alguns conceitos de educação que estão defasados, distantes da realidade humana e levam a transformar os alunos em meros operadores de sistema. Parece, porém, que tais professores sofrem também a influência do sistema econômico e tecnológico, que têm sido dominantes, e são atraídos por melhores ofertas de empregos e de salário.

A Universidade tem ficado em segundo plano. Daí, a má qualidade de ensino, a descaracterização do currículo, a falta de identidade com os valores culturais, filosóficos e educacionais.

O sistema de ensino, com isso, tem estado deficitário, sofrendo a corrosão causada pela inversão de valores.

Podemos citar como exemplo dessa verificação, o fato de que os cursos das áreas humanísticas estão sendo bem menos procurados do que os das áreas exatas e técnicas. Isto tem significado uma situação incomoda que tem perturbado a ordem educacional, o sistema de valores voltado para o sentido de humanização na Universidade.

Desta forma, continua indefinida a missão da Universidade brasileira, não conseguindo, sequer, alcançar e conhecer a preocupação dos formandos em nível superior com relação às suas necessidades imediatas e mediatas, como também não conseguindo estabelecer as prioridades nas áreas de conhecimento. Tudo porque depende de um modelo alienígena, ainda por cima o capitalista. José Odelso SCHNEIDER, demonstra essa situação:

*Sem uma definição clara de sua missão a Universidade brasileira desperdiça tempo, recursos, tanto humanos como econômicos, e diplomas, sem uma delimitação de áreas prioritárias e sem o conhecimento das necessidades atuais e próximas de formandos em nível superior, a universidade brasileira, apesar da lei da reforma do ensino superior, continuará em sua lenta adaptação. A dificuldade principal da universidade em definir áreas prioritárias está no fato de, no Brasil, se processar um desenvolvimento no modelo capitalista dependente. Na dependência das decisões exógenas torna-se difícil estabelecer as prioridades.*<sup>35</sup>



Com efeito, sô se pode esperar problemas conflitantes nos níveis educacionais do ensino superior. Tais problemas decorrem da ação divergente dos processos humanos e sociais do sistema de idéias vigente no país, da visível inversão de valores e da categorização de classes imposta pela sociedade materialista-capitalista, da mentalidade doentia do próprio sistema social que tem sido materialista.

Em consequência, vemos o indivíduo, o aluno, o professor e as áreas de ensino, inclusive as humanas, médicas e outras , como os cursos de estudos sociais, história, medicina, economia, sofrendo o impacto dessa desordem, desestabilizando-se por completo.

Diante desse quadro que é deveras real, pode-se muito bem concluir, através de uma reflexão mais profunda, às causas, propriamente ditas, dos desvios comportamentais existentes, e da decadência cultural e moral da Universidade em nossos dias. Tais desajustes advêm, substancialmente, da degradação do ser humano, da desvalorização do homem e da preocupação demasiada com o sistema, esquecendo-se da pessoa humana. Assim discorre Pitro UBALDI em torno desse prisma:

*O nosso mundo assenta mais sobre sistemas do que sobre o indivíduo. Talvez tenha decaído a tal ponto a fé no valor do homem, que ela se reduziu a ter que prescindir dele, confiando sô na perfeição do sistema, que deveria sanar tudo. Talvez tenha chegado o orgulho humano ao ponto de crer que uma organização perfeita e um sistema de normas, podem suprir a má qualidade da matéria prima, que é o homem. É também verdade que o sistema pode ser uma escola para fazer o homem, como, por exemplo, o sistema representativo pode servir para ensinar*

*a saber votar, formando, através de duras provas, uma consciência, coletiva política. Mas se também é verdade que, enquanto o homem não tiver aprendido, o sistema não poderá suprir os erros dele.*<sup>36</sup>

A inversão de valores caracterizada na sociedade é visível em todos os segmentos - social, político, econômico e cultural - e na Universidade toma proporções elevadas. Por exemplo, um sintoma da patologia existente no meio universitário é a acelerada corrida para a conquista do diploma.

Como professor testemunhamos que tem sido crescente a preocupação da maioria dos alunos em desejar a formação apenas para ingressar no mercado de trabalho. O objetivo dos estudantes é assegurar, de imediato, uma boa posição sócio-econômica. Para tanto, buscam esse status através da conquista do diploma.

A mentalidade dos indivíduos estimulados pela ordem materialista-capitalista, tem sido a de buscar ardentemente títulos acadêmicos, pois estes, em muitas áreas, tem valido mais que o saber. *"Parece que o título universitário conserva um prestígio indiscutível, pois todos querem frequentar uma instituição superior de ensino. Para a grande maioria, infelizmente, o diploma universitário equivale a uma profissão bem remunerada",*<sup>37</sup> segundo Adolpho CRIPPA.

Desta forma só se pode esperar a má qualidade do ensino superior brasileiro, que diante desta situação, gravíssima por sinal, tende a se desmoralizar continuamente. Assim, expressa-se SCHNEIDER, a respeito:

*Podemos afirmar, de modo generalizado, respeitando as devidas dimensões e exceções, a baixa qualidade do ensino universitário brasileiro. A má qualidade do ensino superior brasileiro está ligada ao fato de muitas escolas estarem em condições de oferecer diplomas mas não qualificação profissional. Assim a proliferação de profissionais despreparados é acentuada, quando a demanda nacional é de nível superior. Nesta conjuntura não podemos menosprezar a mentalidade, ainda vigente, do diploma. O papel vale mais, em muitos setores e áreas, do que o saber. Por isso é frequente, o crescente número de universitários, já além da faixa etária de escolarização universitária, frequentando um curso, especialmente os acadêmico-humanistas, para obterem um diploma a fim de serem mantidos ou promovidos em sua carreira.*<sup>38</sup>

Por outro lado, observa-se hoje, e com determinada frequência, que muita gente deseja tão somente se favorecer e se servir ao máximo dos empregos e das instituições públicas sem dar nada em troca. Há casos entre professores, por exemplo, de diversas Universidades do país, que acumulam cargos, em detrimento da boa qualidade de ensino nas instituições de nível superior. E fazem isso como se tais empregos e instituições fossem fontes inesgotáveis de recursos de toda natureza (humanas, materiais, culturais, econômicos, etc.). Usam e abusam, como diz o provérbio popular.

Esses indivíduos deslustram e desmoralizam a ordem pública, compactuando com a desordem moral, com a corrupção dos usos e costumes, com a vergonha e com a desgraça da Nação. Tergiversam contra o próprio povo e não sabem que cairão em miséria muito mais profunda.

Tais fatos acontecem pela falta de consciência e de uma verdadeira educação cívica e moral que deveriam ter recebido gratuitamente, através de educadores e professores conscientes, pois *"se quisermos uma pátria forte, devemos formar consciente e pacientemente, bons cidadãos, pois a Pátria representa o patrimônio legítimo do povo"*.<sup>39</sup>

Logo, é necessário uma educação consciente, um despertar para a realidade humana, seus valores, para a consciência de servir, de participar, de desenvolver um trabalho desinteressado, aberto, humano, essencialmente voltado para o bem comum, para a moralidade pública. É preciso despertar para um mundo onde o homem seja elevado acima das coisas materiais. Nesse sentido, traduz o professor CRUZ:

*O mundo, o meio em que o homem vive, não é formado apenas de coisas, fatos e objetos materiais. É acima de tudo constituído de uma ordem volitiva, tais como: símbolos, imagens e representações mentais e estados ideais e reais de vida, de hábitos e comportamentos factuais aprendidos. Esta é a razão pela qual o homem apresenta a capacidade de ser feliz e infeliz. Expressando alegria e tristeza como resultado do seu modo interior. O ser humano pode ser feliz na pobreza como infeliz na abundância. Para entendermos essa realidade humana, devemos entender o que são valores. A História tem registrado que alguns valores, são mais fortes do que a própria vida.*<sup>40</sup>

Outro fator a considerar, caracterizando a inversão de valores é a distância que há entre a Universidade e a comunidade. É que, aquela não tem oferecido na mesma proporção em que esta tem podido contribuir em termos de participação e elementos de pesquisa. Inclusive, muitos trabalhos de pesquisa têm si

do fabricados em laboratórios fechados, sem a consulta, o respaldo da comunidade. Muitas das pesquisas realizadas nessas circunstâncias não têm tido autenticidade, significado e muito menos função.

Naturalmente que esses trabalhos não atingem o social com a finalidade de promoção humana, pois se revelam impraticáveis, encerrando-se em si mesmas, ou por terem complexidades burocráticas, ou por serem muito técnicas, extremamente sistêmicas e formais, ou ainda por não refletirem as necessidades básicas e prementes da filosofia de educação humana e social. A pesquisa tem que ter um fim maior. Florestan FERNANDES, assim se refere:

*... seria estranho converter a pesquisa em um conjunto de atividades intelectuais que possuíssem um fim em si mesmas. Por mais que se valorize a inteligência que domina tais recursos de labor intelectual e por mais que se repute os especialistas que se qualificam também como pesquisadores, a pesquisa nunca poderá passar de instrumento para conseguir fins, definidos acima dela, que a tornam necessária, dão-lhe dignidade intelectual e sentido construtivo.*<sup>41</sup>

Portanto, há necessidade de que as pesquisas desenvolvidas no ensino universitário passem a ter uma função mais ampla, mais abrangente. O caráter mais pragmático e utilitarista deverá ser balanceado com a real necessidade de promover o aspecto humano, evidenciando valores éticos e morais. Tais valores são fundamentais no processo de formação e de educação dos indivíduos, bem como para o equilíbrio e a valorização da organização institucional.

A organização de uma Universidade deve, pois, ser tão perfeita, que possa utilizar ao máximo o tempo e as energias de cada membro da organização, assim como o material escolar e o edifício.

Outro aspecto, que tem causado transtornos, e pode ser caracterizado como deficiência da administração universitária, é constatar, periodicamente, os ambientes, ou seja, salas de aula totalmente inaproveitáveis no edifício, como também, professores ministrando aulas em classes demasiadamente pequenas ou demasiadamente grandes. Vale observar, então, pela experiência que já realizamos na Universidade em salas de aula, que o aproveitamento didático pedagógico é muito maior quando se trabalha com turmas menores: 20 alunos, por exemplo. Há desperdício de energias tanto do professor quanto dos alunos quando as turmas se constituem com mais de 30 ou 40 alunos, como tem acontecido no sistema de distribuição de turmas da Universidade Federal do Paraná.

Contudo, sempre há tentativas de procurar resolver essas questões e excelentes propostas têm surgido nos meios do ensino superior, mas o fato é que grande parte desses projetos detêm-se exclusivamente para resolver a problemática do sistema e não para atender as prioridades do ensino, a valorização da vida e do humanismo na educação.

Em conclusão, valerá a pena sensibilizar os indivíduos e os grupos educacionais que compõem a catedral do saber, a realizarem uma caminhada decisiva e direcionada para os verdadeiros objetivos da educação a serem alcançados e vividos na Universidade. Assim, promover a integração das diversas áreas de ensino, estudo e pesquisa, é uma medida inteligente, humana e salutar.

Temos observado e testemunhamos, como professor da disciplina de Estudo de Problemas Brasileiros da Universidade Federal do Paraná, o fato de que a heterogeneidade, ou seja, o agrupamento de alunos de diversos cursos numa mesma turma, tem sido proveitoso. Essa medida tem permitido a troca de experiências, facilitando o desenvolvimento da consciência crítica e o fortalecimento em torno da união, da amizade, da relação de valores, do diálogo, da comunicação, da interação e da consciência de que só poderemos educar e conquistar níveis de conhecimento, de democracia, de liberdade e de responsabilidade se realizarmos o processo de educação através de grupos e se valorizarmos as características individuais próprias de cada indivíduo.

A Universidade precisa ser livre, aberta, democrática. Para tanto, deve consolidar seus esforços para poder oferecer a seus alunos uma mentalidade responsável, comprometida com princípios morais, formando uma sólida consciência cívica, crítica e moral, preparando desta forma, o caminho para a restauração do humanismo integrado à realidade humana, subordinado à fraternidade, ao amor, à caridade, à solidariedade, à justiça e à igualdade entre os homens. <sup>42</sup>

## **2.6. A UNIVERSIDADE E A SOCIEDADE: CORRELAÇÃO DE VALORES; A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO; A DEMOCRACIA**

As causas dos problemas encontrados na Universidade, de certa forma, situam-se no contexto da própria sociedade.

O cenário social encontra-se arraigado de erros. Segundo John DEWEY *"atualmente, é tão complexo e tão sujeito a rápidas mudanças que seu efeito é desnorteante"*.<sup>43</sup> Portanto, traz complexidade à educação desenvolvida na Universidade.

Logo, ficar tecendo críticas severas ao sistema de ensino superior sem considerar as formas e os conceitos de vida da própria sociedade e não apontar e combater os erros do sistema social, será sempre ingenuidade por parte de quem queira tratar do assunto. A correlação de valores é, indubitavelmente, muito grande, significativa, e as implicações no âmbito dos cursos no ensino superior são muito intensas.

É extremamente importante considerar esse fator, com o justo propósito de se encontrar soluções mais viáveis e desejáveis possíveis, a fim de que a Universidade possa gravitar em sintonia com a vida social e atuar com eficiência sobre a ordem social com o intuito de harmonizar os seus valores, e, em conjunto, proporcionar a transformação das personalidades integradas no processo de educação. John DEWEY assevera que:

*Quando a vida social, em geral, estiver mais em harmonia com a razão, mais impregnada de convicções racionais e menos governada pela autoridade rígida e pelas cegas paixões, os meios educativos serão mais eficientes e construtores do que presentemente, por atuarem de acordo com os influ-  
xos educadores exercidos eficazmente pelo meio social sobre os hábitos, pensamentos, opiniões e crenças de todos. Atualmente o trabalho do educador não só precisa transformar o pendor natural em bons hábitos de pensar, senão também necessita fortificar o espírito contra as tendências não racionais dominantes, do meio social, e auxiliar a des<sup>44</sup>arraigar os hábitos de erro já formados.*



O homem é um ser social, logo, tudo que lhe diz respeito - sua ação, seu pensamento, sua consciência - está diretamente ligado à ordem social. Sua educação se expressa inteiramente na vida social.

A vida é sem dúvida uma grande escola. É extremamente importante que a Universidade possua essa visão de conjunto apropriando e realimentando seu sistema de idéias de acordo com os processos fundamentais da vida humana e social para poder melhor estruturar as necessárias e convenientes reformas em seu sistema educacional. Com essa concepção vemos Anísio TEIXEIRA afirmar que:

*Toda a vida do homem se faz em educação e por educação. A civilização material é educação, e educação é, outrossim, toda a vida social. Vida é, com efeito, comunicação entre os homens. E comunicar é educar-se. A vida é, pois, - e de acordo com os velhos aforismos humanos - uma grande e larga escola. Uma escola, porém, acidental, sem planos e sem previsão. Enquanto o que havia a aprender era pouco, não seria para espantar que a humanidade se contentasse com a escola que só pouco lhe ensinava. Nem o homem sabia ainda bastante para fazer outra coisa.*<sup>45</sup>

A sociedade vive hoje um novo momento cultural, social, econômico e político. Portanto, há necessidade de reformas em todos os níveis.

As instituições universitárias, por sua vez, começam a fazer reflexões de toda ordem. Professores, alunos e administradores unem-se para pensar juntos e redemocratizar a Universidade. É necessário realizar esse trabalho em conjunto e a comuni-

dade não pode estar ausente. Portanto, é o momento de fundamentar os conceitos vividos e trazidos pela ordem humana e social. É o momento para pensar, estabelecer métodos e técnicas apropriados às idéias filosóficas que representam o novo pensamento, a nova maneira de ser, de se expressar da população nacional.

Parece-nos que esse comportamento está se processando em todos os níveis operacionais da sociedade humana. As descobertas, as inovações, a ordem científica-acadêmica, as mudanças econômicas, o progresso científico-tecnológico caminham de mãos dadas com o processo de educação nas escolas, exigindo novas interpretações teóricas e práticas e, conseqüentemente, exigindo também, uma revisão das idéias básicas do sistema filosófico tradicional adotado na Universidade.

Assim se pronuncia John DEWEY com relação a reconstrução da filosofia, da educação, tendo em vista as mudanças da vida social:

*A reconstrução da filosofia, a da educação e dos ideais e métodos sociais, caminham de mãos dadas. Se é verdade que existe, nos tempos atuais, uma necessidade especial de reconstrução educativa, se essa necessidade torna urgente uma revisão de idéias básicas dos sistemas filosóficos tradicionais, é devido à completa mudança da vida social, paralela aos progressos da ciência, à revolução industrial e ao desenvolvimento da democracia. Não se podem efetuar essas mudanças na vida prática sem uma reforma educativa de acordo com elas, sem levar os homens a perguntar-se que idéias e ideais existem implícito nessas transformações sociais, e que mudanças elas requerem nas idéias e ideais herdados das velhas e dessemelhantes culturas.<sup>46</sup>*

Faz-se mister, entretanto, que a Universidade processe uma sensibilização intensa, envolvendo todos os agentes educacionais, professores, alunos, bem como todo o quadro de responsabilidade administrativa e pedagógica. Enfim, todos aqueles que participam de todas as formas do evento cultural da Universidade, para um despertar imediato com o objetivo de incentivar as mudanças necessárias e a revisão de idéias filosóficas no sentido de se estabelecer com urgência uma verdadeira filosofia da educação no elo de ligação entre o sistema de ensino superior e a vida social.

Essa prática tem sido oportunizada, por exemplo, pelos professores e alunos da disciplina de Estudo de Problemas Brasileiros da Universidade Federal do Paraná, que têm envidado esforços no sentido de promover a ação social, o desenvolvimento das potencialidades humanas através do despertar da consciência crítica, tendo em vista a filosofia de educação, para assumir novas posturas, diante do quadro de valores atuais.

Sentimos que nessa tentativa de se aproximar mais objetivamente da realidade brasileira, é essencial uma filosofia da educação propriamente dita, pois os conceitos assimilados devem propiciar a formação de uma mentalidade reta e de bons hábitos morais.

Mas o que pode representar essa filosofia da educação nestes termos? John DEWEY assim se refere a respeito em sua obra Democracia e Educação.

*A 'filosofia da educação' não é a aplicação exterior de idéias já feitas a um sistema de prática escolar que tivesse origem e meta radicalmente diversas: é apenas uma formulação explícita dos problemas da formação de uma mentalidade reta e de bons hábitos morais, tendo-se em vista as dificuldades da vida social contemporânea. A mais profunda definição de filosofia que se possa dar é a de ser a teoria da educação em seus aspectos mais gerais.*

O conceito de filosofia da educação também é trabalhado por Theobaldo Miranda SANTOS, que ressalta a importância do conhecimento dos fundamentos filosóficos no estudo dos problemas pedagógicos e define a filosofia da educação *"como a teoria crítica e normativa da educação, isto é, como o ramo da filosofia geral aplicado ao estudo dos problemas essenciais da educação"*.<sup>48</sup>

Diante dessa perspectiva, é preciso imbuir-se de uma coragem imanente, de firmes propósitos e com toda seriedade possível prosseguir na caminhada para o acerto, para o ajuste das idéias que devem se acoplar a uma proposta de educação democrática com base e respeito na ordem social. Para DEWEY, *"em primeiro lugar, a vida na escola deve ser como em uma sociedade, com tudo o que isto subentende. A compreensão social e os interesses sociais só se podem desenvolver em um meio genuinamente social, onde exista o mútuo dar e receber, na construção de uma experiência comum."* <sup>49</sup>

É preciso, sobretudo, acelerar o processo de análise, de debate, de discussão, de crítica, de diálogo, através de um canal aberto que possibilite a perspectiva do novo na busca do ideal democrático. Na expressão de Anísio TEIXEIRA, *"a escola*

*democrática é, por sua vez, a escola que põe em prática esse ideal democrático e procura torná-lo a atitude fundamental do professor, do aluno e da administração."* 50

Mas quem, objetivamente, deverá engajar-se na luta para descortinar o novo, apreciar e propor novas idéias, reformular conceitos, realizar projetos, estimular a criatividade na Universidade? Quem, realmente, deverá assumir o compromisso de tornar íntegra a catedral do saber? Quem, com certeza, deverá dimensionar a verdadeira filosofia da educação? Quem, na verdade, tem prontidão para desenvolver um trabalho eficiente e desempenhar funções de alta responsabilidade, concebendo sempre a democracia na Universidade?

Todos sem exceção, deve ser a resposta, ou seja, administradores, diretores, professores e alunos, em consonância com as idéias de Anísio TEIXEIRA.

*A escola é uma comunidade com seus membros, seus interesses, seu governo. Se esse governo não for um modelo de governo democrático, está claro que a escola não formará para a democracia. Diretores, professores e alunos devem organizar-se de forma a que todos participem da tarefa de governo, com a divisão de trabalho que se revelar mais recomendável. A participação de todos, o sentimento de interesse comum é essencial ao feliz<sup>51</sup> desempenho da missão educativa da escola.*

## NOTAS DE REFERÊNCIA

1. TEIXEIRA, Anísio. Educação e o mundo moderno. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969. p. 144.
2. \_\_\_\_\_.
3. CRIPPA, Adolpho. A universidade. Temas atuais, Vol. 3. São Paulo, Editora Convívio, 1980. p. 122.
4. SAVIANI, Demerval. Educação do senso comum à consciência filosófica. São Paulo, Cortez Editora, 1980. p. 35-6.
5. LINTON, Ralph. O homem: uma introdução à antropologia. 10. ed. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1976. p. 279-82.
6. \_\_\_\_\_. As universidades no mundo de amanhã. Atualidades Pedagógicas, Biblioteca Pedagógica Brasileira, Vol. 50, Série 3a., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1947. p. 226-27.
7. WANDERLEY, Luiz Eduardo W. O que é universidade. Coleção Primeiros Passos, 91. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983. p. 39.
8. SCHNEIDER, José Odelso; LENZ, Matias Martinho; PETRY, Almiro. Problemas do ensino superior. In: \_\_\_\_\_. Realidade brasileira. Estudo de problemas brasileiros. 3. ed. Porto Alegre, Livraria Sulina, 1976. p. 317.
9. MANHEIM, Karl. Liberdade, poder e planificação democrática. Trad. MAILLET, Miguel. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1972. p. 329.
10. LINTON, Ralph. O homem: uma introdução à antropologia. p. 279-80.
11. GIANNOTTI, José Arthur. Contra a demagogia. Revista Veja, São Paulo, (885):4, 21 agosto, 1985.
12. AZEVEDO, Fernando de. As universidades do mundo de amanhã. Atualidades Pedagógicas, Biblioteca Pedagógica Brasileira, Vol. 50, série 3. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1947. p. 214.
13. COUTINHO, Afranio. Universidade, instituição crítica. Coleção Retratos do Brasil, vol. 109. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977. p. 64.
14. MINOGUE, Kenneth. O conceito de universidade. Trad. VIEIRA, Jorge Eira Garcia. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981. p. 55.
15. CRUZ, Maury Rodrigues da. Antecedentes e perspectivas da educação moral e cívica no Brasil. Curitiba, Editora da Universidade Federal do Paraná, 1982. p. 104.

16. FERNANDES, Florestan. Educação e sociedade no Brasil. São Paulo, Dominus Editora, 1966. p. 205.

17. MINOGUE, Kenneth. O conceito de universidade. p. 50.

18. SPERB, Dalilla C. Problemas gerais de currículo. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo, Editora Globo, 1966. p. 41.

19. BRUNER, Jerome Seymour. O processo da educação. 6. ed. Trad. OLIVEIRA, Lolio Lourenço de. São Paulo, Editora Nacional, 1976. p. 8.

20. FLEMING, Robert S. Currículo moderno: um planejamento mais dinâmico das avançadas técnicas de ensino. 2. ed. Trad. COUTO, Marina & BRAND, Maria Eleonora. Rio de Janeiro, Lidor, 1974. p. 14.

21. CRUZ, Maury Rodrigues da. Antecedentes e perspectivas da educação moral e cívica no Brasil. p. 105.

22. SPERB, Dalilla C. Problemas gerais de currículo. p. 46.

23. \_\_\_\_\_. p. 46.

24. FLEMING, Robert S. Currículo moderno: um planejamento mais dinâmico das avançadas técnicas de ensino. p. 443.

25. \_\_\_\_\_. p. 445.

26. LINTON, Ralph. O homem: uma introdução à antropologia. p. 314.

27. CRUZ, Maury Rodrigues da. Antecedentes e perspectivas da educação moral e cívica no Brasil. p. 107-8.

28. TEIXEIRA, Anísio. Educação e o mundo moderno. p. 143.

29. \_\_\_\_\_. p. 152.

30. CRUZ, Maury Rodrigues da. Anotações de aula. Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, 1983.

31. TEIXEIRA, Anísio. Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola. 5. ed., São Paulo, Editora Nacional, 1967. p. 149.

32. \_\_\_\_\_. p. 150.

33. CRIPPA, Adolpho. A universidade. Temas atuais. p. 66.

34. ERICKSEN, Stanford C. Lucrando e aprendendo por hora. In: \_\_\_\_\_. O ensino superior: teoria e prática. Trad. CORÇÃO, Luiz. Rio de Janeiro, Zahar, 1972. p. 30.

35. SCHNEIDER, José Odelso; LENZ, Matias Martinho; PETRY, Amiro. Problemas do ensino superior. p. 319.

36. UBALDI, Pietro. Problemas atuais. 2. ed. Trad. PASTORINO, Carlos. Rio de Janeiro, Fundação Pietro Ubaldi, 1981. p. 35.

37. CRIPPA, Adolpho. A universidade. Temas atuais. p. 52.
38. SCHNEIDER, José Odelso; LENZ, Matias Martinho; PETRY, Almiro. Problemas do ensino superior. p. 318.
39. CRUZ, Maury Rodrigues da. Antecedentes e perspectivas da educação moral e cívica no Brasil. p. 109.
40. \_\_\_\_\_. p. 110.
41. FERNANDES, Florestan. Educação e sociedade no Brasil. p. 210.
42. CRUZ, Maury Rodrigues da. Antecedentes e perspectivas da educação moral e cívica no Brasil. p. 114.
43. DEWEY, John. Teoria da vida moral. Trad. CARVALHO, Leonidas Gontijo de. São Paulo, Ibrasa-Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1964. p. 80.
44. \_\_\_\_\_. Como pensamos. 2. ed. Trad. RANGEL, Godofredo. Vol. 2, série 3. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1953. p. 29.
45. TEIXEIRA, Anísio. Pequena introdução à filosofia da educação. p. 99-100.
46. DEWEY, John. Democracia e educação. Trad. RANGEL, Godofredo e TEIXEIRA, Anísio. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1959. p. 364-65.
47. \_\_\_\_\_. p. 364.
48. SANTOS, Theobaldo Miranda. Noções de filosofia da educação. 9. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1962. p. 90.
49. DEWEY, John. Democracia e educação. p. 394.
50. TEIXEIRA, Anísio. Educação e o mundo moderno. São Paulo, Editora Nacional, 1969. p. 209.
51. \_\_\_\_\_. p. 210.



## CAPÍTULO III

### OS VALORES MORAIS NO ENSINO SUPERIOR

#### 3.1. A NOVA MORAL

A Universidade, indiscutivelmente, necessita alcançar um novo estágio de educação, uma nova mentalidade que possa viabilizar uma interpretação justa e adequada dos valores morais em relação aos fatos existenciais, sociais, conotados à realidade humana, filosófica e cultural da sociedade contemporânea.

Portanto, é preciso muita coragem para fundar essa nova moral nas mesmas bases em que tem sido formada a nossa sociedade através de valores trazidos pelo progresso das ciências, da tecnologia, da informática, da economia, da política. Assim, entende-se que *"nem por timidez, nem por amor à autoridade, nem pelo desejo secreto de defender os interesses da atual ordem de coisas, crie-se embaraço à indispensável reconstrução moral de nossos tempos"*.<sup>1</sup> Novos valores, novas formas de comportamentos, novos conhecimentos, uma nova mentalidade devem fortalecer as estruturas sociais e a consciência humana.

É necessário um dimensionamento dos valores humanos para que a nova moral se instale no coração dos homens e no seio da comunidade, transformando a realidade emergente, conjuntural e estrutural da sociedade.

A educação, por sua vez, é um vetor de transformação da mentalidade humana que deve conduzir os indivíduos a uma nova interpretação dos fatos existenciais. Não há como sustentar a educação, senão através de um sistema de idéias fundado na ordem moral.

Para se conceber essa nova moral no sistema educacional brasileiro, no ensino superior propriamente dito, a mentalidade humana terá que aparecer desprovida de uma falsa cultura moral, de uma falsa postura acadêmica, de um falso julgar, de um falso saber. No sistema de idéias materialista vigente, hoje, no meio universitário, esses aspectos contribuem para enganar a visão dos que, bem intencionados, mas inconscientes, buscam a realização pessoal nas honrarias e nos títulos acadêmicos oferecidos pelas instituições de ensino. Tais conquistas, nestas condições, elevam mais sentimentos de grandeza e orgulho que os de humildade e sabedoria dos indivíduos.

É indubitável e necessário reconhecer a função sublime e humilde do saber e do sábio, permitindo a realização de um trabalho consciente que vetorize valores significativos no desenvolvimento dessa mentalidade impulsionada pela força da nova moral no ensino superior.

Mas, como se caracteriza, afinal, essa nova moral? Pietro UBALDI assim se refere a respeito:

*A nova moral é aquela da lei da vida que diz: Pode pegar aquilo que quiser contanto que o pague, porque só é verdadeiramente seu se o houver merecido. Aja livremente, mas as consequências são suas. Cumpra a você compreender o que pode e o que não pode fazer. A veracidade e utilidade desta lei você a pode experimentar por si mesmo, e assim, por si, convencer-se que lhe convém segui-la.*

Isto posto, com a devida reflexão, exigirá, por parte de todos envolvidos com a causa do ensino, maior compromisso com a lealdade, com a sinceridade, com a probidade, com a verdade do trabalho desenvolvido em prol da comunidade universitária. Não há mais lugar para a moral normativa e preceituada. A comunidade acadêmica tem rejeitado essa imposição.

Tudo que vem de cima para baixo, constrange. Há mais fuga, protesto, evasão do que a aceitação por convicção pelos alunos que são ameaçados, coagidos ou forçados a seguirem determinadas normas na Universidade e pelos indivíduos obrigados a seguirem determinados modelos culturais, sociais, econômicos e políticos como aconteceu no regime autoritário da Nação brasileira vivido nos últimos vinte anos, por exemplo. Pietro UBALDI, vê da seguinte maneira a concepção dessa nova moral:

*A nova moral impor-se-á por si, isto é, não porque ela é útil no interesse de quem a aplica. Moral clara, controlável por fatos, vantajosa, o que torna aceite os seus princípios de honestidade e justiça. A mente moderna não se sujeita mais passivamente a uma moral somente normativa e preceituada. Exige em seu lugar uma moral livre e consciente, apesar que responsável, uma moral regida por sua lógica que lhe justifica as normas, controlável em seu valor por seus resultados. A mente moderna não aceita uma moral coagida, a base de ameaças e condenações, sistema este que leva à evasão em vez de a aceitação por convicção, atingida por haver-lhe<sup>3</sup> compreendido o funcionamento e vantagens.*

Com a conscientização dessa nova moral, será muito mais certo, seguro e possível, pensar com firmeza na realização de um projeto verdadeiro de uma Universidade versátil, dinâmica e

real, concebida pela força do novo, pela expressão da razão e dos valores do espírito e da cultura, fundada na educação axiológica, humana e social, consubstanciada pela ordem do ser e do Devir. Na inspiração de John DEWEY, concordamos com a necessidade de uma *"moralidade refletiva"*<sup>4</sup> para que se possa aquilatar a conduta dos indivíduos e o significado de cada ato moral.

Como já foi frisado anteriormente, a vida social é, sem dúvida, tão complexa, dinâmica e tão sujeita a rápidas mudanças que seu efeito é desnorteante. Em consequência, nunca foi tão grande como agora a exigência de moralidade verdadeiramente refletiva e ponderada. *"Essa moralidade refletiva resume-se em solução e alternativa para sobrepor-se aos dogmas e códigos formais e arbitrários, mantidos como obrigatórios sem que houvesse razão e necessidade para tanto"*.<sup>4</sup>

A Universidade, por sua vez, precisa atentar para a diferença entre *"moral costumeira e moral refletiva"*,<sup>5</sup> a fim de trazer benefícios ao seu sistema de ensino, dando oportunidades para que seus agentes educacionais, professores e alunos possam no exercício do dever e da responsabilidade, participar efetivamente dos ajustes e das mudanças necessárias ao aperfeiçoamento do sistema de educação, conforme as exigências naturais apresentadas pelo comportamento social dos indivíduos com base nos usos e costumes absorvidos pela cultura e pela mentalidade da sociedade.

*A compreensão que se tem da necessidade de moralidade refletiva e de teorias morais surge do conflito entre fins, responsabilidades, direitos e deveres, define o serviço que a teoria da moral poderá prestar e protege também o estudante contra falsas concepções de sua natureza. A diferença entre moralidade costumeira e moralidade refletiva está, precisamente, em que preceitos definidos, regras, injunções definitivas e proibições originam-se da primeira, enquanto não podem proceder da segunda.*

Na consecução dessa nova moral, dessa nova mentalidade, tendo em vista o ensino superior, será mediocridade não ressaltar em qualquer tempo, lugar e situação, os valores morais que dizem respeito à ordem do ser. Nesse sentido, a moral se interessa por todo o caráter a se identificar com o homem, "pois se o ensino recebido num curso regular não influenciar o caráter, será inútil conceber-se o fim moral como o fim unificador e culminante da educação",<sup>6</sup> podendo a moral, inclusive, tornar-se moralística.

A estrutura estagnada da Universidade atual, deve-se em grande parte à inconsciência e ao preconceito que se tem de não conceber e vivenciar profundamente o conceito de moral ligado à educação e aos interesses de formação do caráter em relação à vida social, como John DEWEY retrata logo abaixo:

*Assiste a uma estreita e moralista apreciação da moral a culpa de não reconhecermos que os objetivos e valores desejáveis na educação são todos eles morais. A disciplina, o desenvolvimento natural, a cultura, a eficiência social, são características morais - são traços de um indivíduo que é digno membro da sociedade que a educação tem em mira prosperar.*

Desse sistema de idéias é que a Universidade precisa fundamentar-se por completo. Consolidar-se e estruturar-se para a educação do ser universal. Justamente da compreensão dessa realidade é que deve haver um crescer progressivo em torno do homem, na busca do seu conhecimento, da sua verdade, da sua gênese, da sua história, da sua "*totalidade biossociocultural*", como descreve o professor Maury R. da CRUZ:

*O homem vivente e convivente, não representa apenas processos abstratos, matemáticos. Devemos considerá-lo o mais possível na sua totalidade biossociocultural, não somente o animal pensante, mas o que tem dor, o que reza, dança, sonha, brinca, ri, constrói, cria, recria, ouve, canta, bebe, ama, tem fé, distinguindo-se por estas aptidões dos outros animais, sendo nestas manifestações de vida, universal como indivíduo biológico, local, particular, regional, estadual, nacional, internacional, como pessoa.* <sup>8</sup>

É a partir dessa concepção que se devem ver potencializados os átomos, os agentes da organização. Vivenciar esses conceitos é compreender a dinâmica da vida, é ter fé, esperança, é crer no homem, na evolução, na construção de um mundo melhor. Isso jamais poderá ser utopia, pois o homem é o que é graças à lei natural de evoluir infinitamente através do "*processo psicobio-físico-espiritual que está assentado no fundamento biológico, no fundamento ecológico, no fundamento psicológico e no fundamento espiritual da vida social*". <sup>9</sup>

Portanto, vemos a moral como sendo uma das expressões da lei eterna, divina, de evolução e progresso, lei da qual ela é inseparável, visto que nela encontra seu apoio e sua sanção. Eis

porque a moral dita positiva, separada da noção do espírito e da idéia de Deus, é sempre fria. Ela não impressiona nenhum coração, nenhum espírito e permanece estéril. É a semente atirada sobre a rocha.

O ensino moral deve mostrar a todos a finalidade da vida, que não é a procura da felicidade, como muitos supõem, mas o aperfeiçoamento e a depuração do ser. Os meios de realização são o trabalho, o estudo, o esforço constante para o bem. Pela observação da lei moral, o homem se eleva; violando-a ele se rebaixa e se torna menor.

Entendemos, pois, que o estudo do ser humano deve estar intimamente ligado ao ensino moral. Portanto, ao falarmos numa nova moral, logo, inter-relacionamos o aluno, o professor, a Universidade, a sociedade, o ser humano com uma nova educação. Para isso, é preciso tentar melhorar cada indivíduo, sensibilizar a Nação, falar ao coração, à inteligência e à razão do povo, propondo reformas sociais, levando-se sempre em consideração a espiritualidade desse povo. O estudo do ser humano só nos leva a reconhecer que as instituições, as leis de um povo são a reprodução, a imagem fiel de seu estado de espírito e de consciência e demonstram o grau de civilização ao qual ele chegou.

### **3.2. A TRANSFORMAÇÃO MORAL NA UNIVERSIDADE: MUDANÇA DE COMPORTAMENTO; A NOVA MENTALIDADE**

No processo de transformação moral da Universidade, faz-se necessário e constantemente, indagar mais, muito mais sobre a razão das coisas. Questionar sobre o existir, sobre o significi

cado da própria vida tendo em vista a evolução do homem. É um processo que, naturalmente, a escola, a Universidade devem desenvolver.

Nesse método de busca e reflexão a própria lógica e a razão dirão que jamais se poderá dar a última resposta para e sobre o que quer que seja. Poder-se-á, é claro, resolver questões em todos os níveis do universo cultural, humano e científico, na disposição e no interesse imediatista da vontade humana em torno de valores materiais. E, neste contexto, pode-se admitir até a possibilidade de soluções pragmáticas que visam muito mais a satisfação pessoal, o conforto e o bem estar físico e material. Tais soluções correspondem às necessidades imediatistas. Ainda por esse prisma, os interesses são voltado para uma ordem individualista, onde se alimenta o sentimento de orgulho, vaidade, avareza e egoísmo, o que não é suficiente, nem verdadeiro para a realização completa do ser.

Mas, por outro lado, será sempre muito difícil reconhecer a grandeza de uma alma despreendida, caridosa, humana e consciente dos valores perenes do ser, legitimados na ordem moral, fortalecidos nos sentimentos de virtude, honestidade, sinceridade de propósitos, espírito público, dignidade, respeito e moral. Valores esses indispensáveis na construção de um saber verdadeiro, íntegro, plural, flexível, real, extremamente necessários na consecução de uma filosofia moral - nova moral - a nortear os rumos da Universidade, a constituir um novo sistema de idéias, a formar uma nova mentalidade para o ensino superior, para a sociedade.



Nessa perspectiva, Leon DENIS reconhece que:

*a origem de todos os nossos males está em nossa falta de saber e em nossa inferioridade moral. Toda a sociedade permanecerá débil, impotente e dividida durante todo o tempo em que a desconfiança, a dúvida, o egoísmo, a inveja e o ódio a dominarem. Não se transforma uma sociedade por meio de leis. As leis e as instituições nada são sem os costumes, sem as crenças elevadas. Qualquer que sejam a forma política e a legislação de um povo, se ele possui bons costumes e fortes convicções, será sempre mais feliz e poderoso do que outro povo de moralidade inferior. Sendo uma sociedade a resultante das forças individuais, boas ou más, para se melhorar a forma dessa sociedade é preciso agir primeiro sobre a inteligência e sobre a consciência dos indivíduos.*<sup>10</sup>

Deve-se então procurar reunir esforços sobre-humanos até, para abraçar uma causa nobre que é a conquista da dignidade pessoal e institucional, ou seja, para alcançar a moralização do ensino, crendo e respeitando as leis, através da participação consciente dos indivíduos comprometidos com o sistema de educação da Universidade.

A Universidade, portanto, necessita ser assumida integralmente. Isto não implica apenas a unidade acadêmica, técnica e científica de sua prática pedagógica, ou a melhoria de sua máquina administrativa e burocrática, ou ainda, o pragmatismo e o imediatismo do sistema educacional. Implica, sim, o aperfeiçoamento da alma humana, pela consciência pura dos indivíduos, pelo amor e pelo trabalho dignos dos educadores e educandos, pelo sacrifício geral da população que quer participar, aprender e educar-se para uma vida mais feliz. Enfim, pelo esforço desinteressado

sado, pela dedicação espontânea, pelo afeto, pelo carinho de todos, sintetizados na força do bem, da verdade, da justiça e do amor, a fim de estruturar as mentalidades com base na ordem e nos conceitos éticos e morais.

Tendo em vista a necessidade de ajustar as instituições às mentalidades, Gaston BOUTHOUl afirma que:

*As instituições decorrem estreitamente das mentalidades, repousam sobre estas. Quando sua conformidade deixa de ser completa, as instituições são contestadas e perdem a sua força. Pois os homens só respeitam verdadeiramente as leis nas quais crêem. Podê-se forçá-los à obediência, mas não à adesão íntima. Então começam as resistências abertas ou latentes. Quando as mentalidades e as instituições se contradizem, a conjuntura torna-se revolucionária. Novos valores, novas crenças e doutrinas se opõem às instituições vigentes. As revoluções, pacíficas ou violentas, são, em última análise, processos sociais que respondem à necessidade de ajustar as instituições às mentalidades.*

O sistema de idéias hoje veiculado na Universidade, está largamente comprometido por revelar mais a forma que o conteúdo. Nesse sentido, a Universidade tem que ser meio e não fim. É passagem, é transitória na vida do indivíduo porque verdadeira e real é a Universidade da vida. Esta é permanente, perene, verdadeira e real. A Universidade está dentro do indivíduo e não o indivíduo dentro dela. Essa mentalidade é por demais importante para o ensino superior, para os educadores em especial, que devem também ter consciência de que representam os agentes de uma nova ordem.

A instituição universitária necessita abrir por completo suas portas para que por ela entrem os grandes, os gênios, os sábios, os heróis, os santos, os filósofos, os cientistas, os políticos, mas também, os ignorantes, as pessoas simples do povo, os imaginativos, os idealistas, os criativos. Lamenta-se , pois, que o sistema ainda seja fechado.

É preciso que a história da comunidade comece realmente a ser estudada e organizada pela Universidade. Para tanto, esta necessita ver e ouvir muito mais a vida do homem comum, do homem urbano, do homem rural, do homem da comunidade. Precisa , também, acompanhar a experiência que, diuturnamente, nasce no meio do povo, não devendo morrer nunca porque é legítima, é autêntica, é verdadeira, é útil, é fundamental para todos. Reves<sub>te</sub>-se da expressão viva do pensamento, da alma e do coração dos indivíduos, da comunidade.

Assim, a Universidade, não pode descurar da memória cole<sub>tiva</sub>, das vivências do passado, do processo histórico pelo qual passa e vive a comunidade local, regional e nacional. Deve trabalhar a feição de cada indivíduo; nela está circunscrita a sua história e a história da humanidade.

A Universidade deve procurar levantar sempre o perfil sôcio-econômico e cultural dos universitários, a fim de poder atender com eficiência os níveis de operacionalidade individual, educacional e social, alcançando, com isso, dinamismo, confiança e segurança, diante da opinião pública. É preciso valorizar o indivíduo, o aluno, o amigo, o convidado, o visitante, o grupo e,consequentemente, suas dimensões de vida, tendo em vista o passado, o presente e o futuro.

A história do povo precisa ser trabalhada pela Universidade. Esta, por sua vez, precisa sensibilizar o povo a fazer história, porque *"povo sem passado comum não tem história e povo sem história não tem futuro"*.<sup>12</sup>

É bom lembrar que a filosofia de vida de cada indivíduo, de cada grupo, de cada povo, tem que ser altamente respeitada e valorizada pelas instituições. Como já foi dito, a Universidade está distante da comunidade, portanto, aquela perde muito por isso, não trabalhando os valores desta que são riquíssimos em todos os sentidos sendo que, naturalmente, poderiam alimentar projetos construtivos para satisfazer as necessidades básicas da própria população. Daí, concluímos que a estrutura da Universidade tem que ser flexível, plástica, moldável, dinâmica. Deve superar a condição estática apresentada no momento, o que dificulta o processo de expansão das descobertas e das inovações.

Nesse processo de mudança constante, há de se revelar a questão moral na Universidade. Por exemplo, o sistema de educação atual deve inspirar e não constranger, como tem feito nos últimos anos com a atual reforma de ensino. A proposta democrática deve ser a de educar para a liberdade. É com insatisfação que vemos o sistema impondo, condicionando, congelando comportamentos na ausência de uma verdadeira filosofia moral para a educação. *"A Filosofia moral é reflexão sobre a ação enquanto sujeita a regras. Tem por fim unificá-las, reduzindo-as a um ou a alguns princípios fundamentais de explicação do homem"*,<sup>13</sup> segundo Jacques LECLERCQ. A proposição do citado autor ratifica o quanto é importante a reflexão filosófica sobre o estado de mudança, sobre a ação do comportamento. Tal atitude dá origem à

filosofia moral tão necessária para alcançar um nível de mentalidade ajustado ao conhecimento e aos padrões de cultura que a sociedade impõe às instituições.

Um grande chamamento se faz necessário, sem dúvida, para que a ordem moral se estabeleça nos níveis de ensino superior a fim de trazer estabilidade ao sistema educacional. A começar pela mudança de mentalidade sobre o relacionamento professor-aluno-comunidade que atualmente está comprometido. De imediato, o diálogo, a confiança, a honestidade, o amor, a dignidade, o ideal devem ressurgir como força viva e transformadora do comportamento humano.

Chamamos a atenção para o educador consciente que não deve fazer alarde do conhecimento que possui, pois deve saber que é humilde instrumento de uma causa maior. Além do mais, entende ser o grande agenciador de valores positivos na ordem social, cultural e humana, portanto, possui alta responsabilidade moral. Através da sinceridade de propósitos e do procedimento moral, sua reputação se elevará e sua mensagem será ouvida, aceita, compreendida, respeitada e valorizada no interior e no exterior da instituição de ensino.

O educador consciente de sua nobre missão, não mede esforços na tentativa de moralizar os hábitos, de se posicionar firmemente como homem íntegro, de exemplo vivo, de trabalho, de dignidade, de fé, de esperança, pois *"a dignidade de uma pessoa está na autenticidade e nobrezas de suas tomadas de posição em face do ideal; do Absoluto que é Deus, e na coerência com esta atitude constrói o edifício da Mentalidade e as normas da Conduta"*,<sup>14</sup> conforme preceitua o Pe. Afonso RODRIGUES. Sua conduta

espelha grandeza e suas palavras, seus gestos, seus ensinamentos terão a força moral necessária para mudar a mentalidade dos educandos.

Com efeito, os aspectos que maculam os indivíduos e a instituição universitária são reflexos, certamente, de situações impostas pela ordem materialista vigente em nossa sociedade como a categorização de classes, a discriminação social, cultural e também profissional atribuída aos indivíduos. Denota-se, daí, a descaracterização humana na ação educativa, exclusivamente porque se despreza muito a pessoa humana e não se dá a significativa importância à moral como fator de equilíbrio e desenvolvimento humano e social. De acordo com John DEWEY,

*moral é toda a educação que desenvolve a capacidade de participar-se eficazmente da vida social. Ela forma um caráter que não somente pratica os atos particulares socialmente necessários, como também se interessa pela contínua readaptação que é essencial ao desenvolvimento e ao progresso. O interesse para aprender-se em todos os contactos com a vida é o interesse essencialmente moral.*<sup>15</sup>

Se, portanto, educadores e educandos, responsáveis pelo desenvolvimento educacional e cultural da Universidade, da comunidade e da sociedade, não objetivarem seus interesses em torno dos aspectos morais, com vistas à formação da personalidade, do caráter e da virtude, correrão o risco implacável da possível e provável descaracterização da identidade da pessoa humana, da deterioração dos programas e conteúdos educacionais. Consequentemente, haverá repercussões negativas para o ensino, prevendo-se, ainda, efeitos desastrosos para a sociedade humana em todos os campos do conhecimento.

Por isso, John DEWEY afirma categoricamente que:

*a moral se interessa nada menos do que por todo o caráter, e esse caráter total se identifica com o homem em todo o seu fei-tio e manifestações concretas. Ter-se vir-tude não significa terem-se cultivado ex-clusivamente alguns poucos traços menciona-veis pelos nomes; significa ser-se plena e adequadamente aquilo que se é capaz de che-gar a ser, por meio da associação com ou-<sup>16</sup>tras pessoas em todas as funções da vida.*

É relevante a questão moral na consecução da nova Univer-sidade para fortalecer o espírito democrático. A consciência pela democracia, tem-se que convir, é uma decorrência das trans-formações que se operam em nível moral. A evolução moral traz estabilidade ao sistema. A conquista de um estado democrático no ensino superior, tem que se iniciar pela valorização do di-reito, pois *"no direito o homem encontra e defende suas condi-ções de subsistência moral e a defesa do direito é um dever de autoconservação moral"*<sup>17</sup> apregoa Rudolf VON IHERING. No entanto, entendemos que a moral é maior que o direito, ela é *"uma das fon-tes inspiradoras do direito, que nela encontra o seu modelo exemplar. A moral, ao contrário do direito, é norma incoercível, de foro íntimo. Mas como o direito, o seu próprio conteúdo dá-lhe a proeminência que a faz diferir das vigências comuns"*,<sup>18</sup> segundo José Claudio de OLIVEIRA.

Necessitamos de uma revolução moral. A Universidade , não há dúvida, para se democratizar, antes de mais nada, preci-sa espelhar-se numa moral elevada. Para tanto, precisa educar os universitários, convenientemente, para que sejam cidadãos responsáveis, cumpridores de seus direitos e deveres. Sobre es-se prisma Afonso RODRIGUES diz o seguinte:

*"Para educar é imprescindível levar o educando a tomar posições certas e a adquirir convicções exatas em face dos deveres. Daí surgirá o senso ético e o espírito democrático com o sistema de valores verdadeiros pelo qual tudo apreciam de modo adequado e justo".<sup>19</sup>*

Evidentemente, é o universitário quem deve ser preparado para assumir uma postura sólida, calcada em valores éticos e morais, para que revele através de seus pensamentos, de seus atos, de seus gestos, de suas intenções, um comportamento exemplar na comunidade. Assim como asseveramos que a moral é maior que o di-reito, também, entendemos que o exemplo é maior que o preceito. Portanto, não se pode proceder bem se não for intimamente bom. Ser bom é uma condição eminentemente pessoal. Não se pode, na verdade, ser bom por outrem. Daí vem a responsabilidade moral que cabe a cada indivíduo assumir na proporção de sua capacidade educativa a que tenha por mérito. A exemplificação do bem parece dignificar a pessoa humana.

Não haverá Universidade livre e democrática sem o aperfeiçoamento moral das personalidades que integram o sistema universitário que, por sua vez, deve mudar à medida que evolui a sociedade. Assim, *"a moral se acha estritamente relacionada com a natureza das sociedades, pois que, ela muda quando as sociedades mudam. É que ela resulta da vida em comum".<sup>20</sup>* Nesse sentido ainda, para Delgado de CARVALHO,

*só há moralidade em relação às pessoas e não às cousas e, como a vida social está em constante evolução e que vão mudando as condições do ambiente em que se processa, os padrões de moralidade necessitam de frequentes reajustamentos para conservarem sua eficiência e promoverem o progresso social.<sup>21</sup>*



De acordo com as proposições anteriores, entende-se que não é possível querer desenvolver o potencial humano, científico, social e cultural da instituição, sem, em primeiro plano, estabelecer a moral. Mas a moral deverá impor-se por si mesma. *"A Moral é aquele imperativo categórico a que se referia Kant, um mandamento que se impõe por si mesmo, sem condições, sem sanções, exceto as que provêm indiretamente da reprovação social,"*<sup>22</sup> de acordo com José Claudio de OLIVEIRA.

Basicamente, se a preocupação principal não for a reforma moral dos indivíduos conotados no grupo educacional universitário, muito tempo se continuará perdendo na tentativa de tão somente rever objetivos, levantar currículos e programas excelentes em si mesmos.

Na verdade, o planejamento e a implementação curricular, são instrumentos que devem incluir, também, momentos de avaliação da aprendizagem moral propriamente dita.

## NOTAS DE REFERÊNCIA

1. TEIXEIRA, Anísio. Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola. 5. ed. São Paulo, Editora Nacional, 1967. p. 131-32.

2. UBALDI, Pietro. Pensamentos. Trad. FERRAZ, Vasco de Castro. São Vicente, Editora Monismo, 1971. p. 47.

3. \_\_\_\_\_. p. 47.

4. DEWEY, John. Teoria da vida moral. Trad. CARVALHO, Leonidas Gon-  
tijo de Carvalho. São Paulo, Ibrasa-Instituição Brasileira de Difusão Cultu-  
ral, 1964. p. 80.

5. \_\_\_\_\_. p. 13.

6. \_\_\_\_\_. Democracia e educação. 3. ed. Trad. RANGEL, Godofre-  
do e TEIXEIRA, Anísio. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1959. p.  
395-96.

7. \_\_\_\_\_. p. 395.

8. CRUZ, Maury Rodrigues da. Antecedentes e perspectivas da educa-  
ção moral e cívica no Brasil. Curitiba, Editora da Universidade Federal do  
Paraná, 1982. p. 112-13.

9. \_\_\_\_\_. Anotações de aula. Curso de Pós- Graduação em Educação,  
Universidade Federal do Paraná, 1983.

10. DENIS, Léon. O problema do ser, do destino e da dor. 9. ed.  
Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1975. p. 14-15.

11. BOUTHOU, Gaston. Sociologia da política. Trad. FORJAZ NETO,  
Djalma. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967. p. 25.

12. CRUZ, Maury Rodrigues da. Anotações de aula.

13. LECLERCQ, Jacques. As grandes linhas da filosofia moral. São  
Paulo, Editora Herder, 1967. p. 19.

14. RODRIGUES, Afonso. Ética e civismo: para professores e curso  
fundamental. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972. p. 29.

15. DEWEY, John. Democracia e educação. p. 396.

16. \_\_\_\_\_. p. 393.

17. IHERING, Rudolf Von. A luta pelo direito. 4. ed. Trad. PAUL NETO, Richard. Rio de Janeiro, Editora Rio, 1983. p. 37.
18. OLIVEIRA, José Claudio de. Estudo de problemas brasileiros. 2. ed. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978. p. 53.
19. RODRIGUES, Afonso. Ética e civismo. p. 57.
20. PEREIRA, Luís & FORACCHI, Marialice M. Educação e sociedade. 9. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978. p. 46.
21. CARVALHO, Delgado de. Elementos de sociologia educacional: e fundamentos sociológicos da educação. 2. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956. p. 46-7.
22. OLIVEIRA, José Claudio de. Estudo de problemas brasileiros. p. 53.

## **CAPÍTULO IV**

### **A IMPORTÂNCIA DOS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS NO ENSINO SUPERIOR**

#### **4.1.A FILOSOFIA NA UNIVERSIDADE**

Diante do que analisamos nos capítulos anteriores, percebe-se então que se faz mister conceituar e reconceituar muitas coisas.

A Universidade precisa ser vista sob nova ótica. É na verdade uma criança doente, subnutrida, que precisa ser tratada e bem alimentada.

Para tanto, é necessário estabelecer uma consciência crítica que desperte o interesse de toda a classe universitária para modificar o sistema educacional.

Já dissemos que a estrutura da Universidade tem sido estática, não permitindo a flexibilidade na mudança dos conceitos e com isso comprometendo todo o seu sistema de idéias.

Portanto, só conseguirá essa plasticidade, tornando-se dinâmica a sua estrutura. Aqui entra, sem dúvida, a grande importância da filosofia. Porém, sem se descuidar da correlação dos valores com o mundo social, recolhendo tudo aquilo que for mencionado pela consciência individual, social e coletiva para trabalhar o seu conteúdo na realidade histórica em que vive. Nesse sentido, Fernando de AZEVEDO diz o seguinte:

*Certo, a Universidade, como toda instituição social, encravada no seio da sociedade, é uma realidade viva e plástica que se organiza e se transforma segundo as condições específicas do ambiente em que flutua, e não pode por isto, pairar acima das influências de cada 'situação histórica', cuja imagem nela se espelha como num ponto de convergência de idéias e de aspirações coletivas. Essa relação constante entre a Universidade, como uma realidade histórica, e o seu ambiente, cujas influências recebe e sobre o qual, por sua vez, tende a reagir, respondendo aos seus estímulos, é uma condição tão indispensável à sua vitalidade que, quando se rompe essa correlação, a Universidade, fechada num isolamento artificial, entra em decadência e deixa de ser uma instituição normal, para se transformar<sup>1</sup> num 'quistó' ou num abscesso de fixação.*

Para que realmente possa se espelhar num universo aberto, na busca do conhecimento, deve a Universidade processar a dinamização dos conceitos humanos, éticos, morais, filosóficos, individuais e sociais, facilitando a reflexão crítica na conquista do novo.

Mas, como é difícil modificar aquilo que já existe e já foi implantado. Tem-se, sempre, a ilusória impressão que tudo já foi feito. Daí, a sensação de que não há mais necessidade de pensar e mudar. E para mudar, realmente é preciso antes de mais nada pensar, fazer reflexão filosófica e isto exige sacrifício, é um processo extremamente doloroso, principalmente, quando não se foi devidamente preparado para tal exercício e prática.

Temos observado, na verdade, que há uma inércia para pensar. Quando atribuímos atividades específicas aos alunos da disciplina de Estudo de Problemas Brasileiros, por exemplo, dissertar sobre determinado tema, verificamos que há uma reação imedia

ta por parte deles, que sentem grande dificuldade para pensar , refletir, analisar e sistematizar as idéias coerentemente. Observa-se um certo congelamento mental, intelectual, racional , filosófico. Constata-se, portanto, que o academicismo universitário, nos últimos anos, tem trazido consequências alienantes ao corpo discente.

É alarmante saber, por exemplo, que vários cursos de nossa Universidade não possuem em seus currículos a disciplina de filosofia, tais como os cursos de Medicina, Economia, etc.

O pragmatismo, o utilitarismo, o tecnicismo tem sido responsáveis pela automação e pelo condicionamento na capacidade de pensar livremente.

Com efeito, tudo tem sido feito atropeladamente. Muito se exige e pouco se faz. Muito se impõe e pouco se analisa conscientemente. Muito se fala e pouco se pensa. O essencial, que é o pensar, está sendo relegado. Para HEGEL, *"somente o pensar é a espera onde se elimina toda a alienação onde o espírito é absolutamente livre, é em si mesmo. Alcançar esta finalidade, é o interesse da idéia, do pensar, da filosofia"*.<sup>2</sup>

Mais do que qualquer outra coisa a Universidade precisa parar para pensar e, assim, poder dimensionar melhor o conhecimento, pois *"pensar, em geral, consiste em conhecer em que consistem as coisas e que relações têm entre si e de uma maneira geral, pensar é compreender, isto é, compreender as coisas, tanto em si mesmas, como em suas razões de ser"*,<sup>3</sup> conforme Rêgis JOLIVET.

Segundo Arcângelo R.BUZZI, pensar é filosofar. Desta forma ele se expressa:

*No conhecimento filosófico o pensamento ensaia uma radical compreensão da realidade. Pensar é filosofar! Filosofar não é ir para além, fora do real vivido. É aproximar-se para mais perto do que se vive, é ir à sua raiz, é descobrir que nessa cercania lateja o que ainda jamais foi pensado...<sup>4</sup>*

*Convocar o homem a pensar é convidá-lo a admirar o que aparece; nessa experiência de admiração ou estranhamento abre-se o espaço onde todos os seres racionais ou irracionais se encontram na verdade de sua interioridade, acolhidos na justiça de si próprios, que transcende as ideologias que separam e os sistemas que dividem.<sup>5</sup>*

Mas, bem mais cômodo e fácil é aceitar as coisas como elas são, sem fazer reflexões mais profundas, e repetí-las quantas vezes for possível porque a igualdade sobre elas torna o sistema de vida condicionante e condicionado, portanto, bem mais fácil e interessante para a dominação social, política, econômica e cultural pelos grupos que ostentam o poder, e que têm uma visão distorcida e conceitos deformados sobre os valores humanos e a justiça social.

Isso ocorre com a instituição universitária quando se vê a simples repetição do cumprimento dos programas de ensino, já defasados, e a sobrecarga de conteúdos técnicos. Um exemplo desse fato é o que tem acontecido com os alunos do curso de processamento de Dados. Os estudantes desse curso se manifestam angustiados e deprimidos pela condição de meros operadores de sistemas que a Universidade e a própria sociedade tem lhes atribuído.

Esses aspectos estão comprometendo, alienando e trazendo consequências graves à boa formação ética, moral, filosófica, humana e social dos alunos.

Dentro desse esquema fechado em que vive a mentalidade universitária hoje em dia, talvez, não será preciso muito esforço mental, psicológico, moral e filosófico para pensar, raciocinar, decidir, trabalhar, tomar posições, viver a vida e compreender suas implicações humanas, sociais, políticas, econômicas e culturais porque a acomodação tem alimentado esse estado patológico.

Mas, uma coisa é certa: a acomodação leva à decepção. Não se poderá prescindir, jamais, do fato de que o exercício de pensar conduz à construção de um sistema de idéias aberto, livre e democrático, real, vivo e humano. Na verdade, é o sistema filosófico que deve responder aos estímulos, às necessidades básicas dos indivíduos na busca da razão plena, da verdade, da liberdade e da realização pessoal, profissional e social através da descoberta e da inovação pelos mecanismos da criatividade. Daí, a preocupação com a filosofia na Universidade. É fundamental compreender a amplitude do conceito de filosofia como na visão de REDDEN & RYAN, ao afirmarem que:

*a filosofia pode ser encarada como o estudo que orienta o indivíduo tanto na aquisição da concreta visão da vida, seus valores e significado, seus fins próximos e últimos, quanto sobre a conduta humana, em geral. Neste conceito tradicional, o principal objetivo da filosofia é formular, interpretar e explicar toda a realidade em termos de causas últimas e estabelecer, para esse indivíduo, uma escala de valores de conduta humana.*<sup>6</sup>



Esse processo leva o homem a refletir sobre o seu estado genésico existencial, buscando na chamada herança social que se caracteriza pelas verdades, os ideais, os valores, os costumes, a moral e outros elementos, a fundamentação para trabalhar , realizar e justificar o sistema de educação no qual está inserido. Desse modo, conforme REDDEN & RYAN, *"dentro do sistema educacional de uma raça ou povo, compreendem-se as realizações das civilizações passadas: difundem-se sua vida espiritual e transmite-se à juventude sua herança de língua, literatura, filosofia e de instituições"*.<sup>7</sup>

Portanto, vemos como é importante valorizar a filosofia no contexto da Universidade e conscientizar todos os agentes educacionais de que ela deve ser inserida em todos os currículos dos cursos de nível superior. É importante também saber, *"que todo sistema de educação é um produto da história, da herança social da civilização para tentar perpetuar determinada filosofia de vida"*.<sup>8</sup>

No sistema educacional brasileiro, vemos a necessidade de buscar nas raízes do povo a sua própria filosofia. Com a dimensão territorial que possui este país, com as características geográficas e culturais de cada região, há que se buscar alternativas de vida para o povo. Dessa forma, este terá condições de se identificar com os seus próprios valores, usos e costumes, a fim de formar a sua tradição através de um sistema de educação voltado para sua própria realidade.

Urge , pois que a Universidade eleve seu nível de

racionalidade, atentando para a identidade cultural do povo , criando situações para que a filosofia guarde estreita conexão com a natureza dos cursos.

O sistema educacional brasileiro precisa legitimar-se de tendo-se nas características regionais do país bem como nos valores, na cultura, no folclore das diversas raças que compõem a civilização brasileira para fundamentar a sua própria estrutura.

De imediato, a Universidade necessita incorporar em sua filosofia de educação todo o contraste apresentado e vivido pelo povo brasileiro.

Quem possui atitude filosófica faz indagações e para caracterizar o pensamento filosófico num sistema de educação voltado para a sua própria realidade, é necessário afirmar a dimensão da história, o sentido de vida humana e social através dos tempos, a educação do povo. Nesse sentido estabelecer o real significado entre o passado, o presente e o futuro para determinar a capacidade crítica de se, de se expressar, de participar, de se conhecer e se identificar como homem, cidadão da Pátria e compreender o sentido da existência, a razão e o processo de evolução humana, social, moral, espiritual.

Na fundamentação desse pensar, desse filosofar, é preciso, indiscutivelmente, ouvir, analisar e interpretar os conceitos trazidos pelos grandes pensadores que marcaram sua época na história da humanidade. Muitos dos seus conceitos filosóficos revelam, ainda hoje, grandes verdades que na sua essência não foram devidamente compreendidas, interpretadas e aplicadas à nova ordem dos fatos concretos da vida atual.

Reverendo a história, encontraremos, sem dúvida, figuras eminentes, personagens de grande valor que a Universidade de hoje, não poderá em nenhum momento deixar de estudá-los. Por exemplo, caracterizando um pensamento humanista, com base num sistema de idéias filosófico e moral, encontramos na Filosofia Grega, Sócrates, Platão e Aristóteles; na Filosofia Medieval, Agostinho, Tomás de Aquino; na Filosofia Moderna, o empirismo de John Locke, David Hume e o idealismo de Kant e Hegel; e na Filosofia Contemporânea o existencialismo de Jean-Paul Sartre.

Para conceber em nossos dias e dentro da Universidade a força viva do pensamento filosófico, é preciso que se acenda a chama viva da história. Sob seu prisma é possível fazer renascer, entre nós, os princípios do humanismo, da moral, do espiritualismo bem como da experiência religiosa, através dos respectivos pensadores que, em suas épocas, trouxeram continuamente a verdade fundamentada na explicação lógica, racional, coerente com os valores do seu tempo. Sempre houve um encadeamento nesse sistema de idéias nas diversas fases históricas, como poderemos observar através da citação de Thomas Ranson GILES:

*Na época pré-socrática, a Filosofia é principalmente uma indagação sobre os princípios do mundo físico; com os sofistas e com Sócrates, o centro de interesse é o Homem; com Platão e Aristóteles, há um esforço de conciliar as duas perspectivas; os estóicos e os epicureus, e até certo ponto os céticos, põem em relevo o problema da vida moral e criam a imagem do filósofo como homem dotado de sabedoria, capaz de dominar as próprias paixões e conservar o equilíbrio em todas as circunstâncias; e, com o neoplatismo, a Filosofia adquire o significado de uma preparação para uma assimilação na divindade e quase confunde com a experiência religiosa.*

Então, indagamos, como está hoje a filosofia difundida e instituída nos centros avançados da cultura, ou seja, no próprio contexto geral da Universidade? Certamente, restrita a cursos isolados, limitada a certos departamentos e grupos fechados, em fim, relegada a planos secundários, levando-se em consideração a totalidade do sistema de educação da Universidade. Nesse sentido, na Universidade Federal do Paraná, é inconcebível que alguns cursos como Administração, Economia, Medicina, Biologia em tre outros, não possuam em seus currículos fundamentos de filosofia.

O ser humano precisa se expressar de todas as formas, por todos os meios. Isto será possível se houver participação integral e constante das unidades concretas da Nação - a família, a escola, o segmento religioso, o Estado, o econômico, o político, o cultural - no processo de transformação da sociedade.

O exercício de reflexão crítica se efetivará se o indivíduo tiver oportunidade de exercer seu papel de agente ativo e crítico na sociedade. O encontro consigo mesmo no processo de avaliação e auto-avaliação, de crítica e auto-crítica o fará despertar consciente para a realidade. "*Conhece-te a ti mesmo, resume-se o método socrático nessa frase do oráculo delfico*".<sup>10</sup>

*Em Sócrates, mais do que qualquer outro pensador, encontramos o esforço de ligar intrinsecamente pensamento e vida. Para ele, o lugar da Filosofia não é um círculo fechado, mas, sim, em praça pública, no ginásio, no foro, no mercado, com interlocutores guiados só pelo bom senso. Por um questionamento preciso e incisivo, minucioso e implacável, Sócrates obriga-os a determinar, a precisar o pensamento, a tomar posições definidas, a enfrentar as dificuldades, e, enfim, a ceder diante da evidência.*<sup>10</sup>

Na caminhada que a Universidade tem feito através dos tempos em busca do saber real, verifica-se a infestação nefasta do pragmatismo e do materialismo, ceifando a vida em torno do ideal de um saber filosófico e cultural com vistas à grandeza moral e espiritual do homem. O que se vê, portanto, é o estrangulamento desses valores, é uma concepção apenas material da cultura, do saber, estreitando cada vez mais o canal que conduz à liberdade e à felicidade. Ao constatar esse distanciamento da Universidade com os valores superiores do homem, CRIPPA observa que:

*na época contemporânea, é muito difícil entender a idéia de uma comunidade desinteressadamente voltada para o saber. O saber pragmático e utilitário, exigido para o exercício das funções profissionais e para a simples participação nas atividades cotidianas, eclipsaram o sentido de um saber voltado para a grandeza espiritual do homem. Inútil insistir nos valores próprios da Universidade enquanto não for possível refazer o ideal de um saber religioso e cultural voltado apenas para os valores superiores do homem. Sem este ideal, uma comunidade consagrada ao saber não tem razão de ser. A Universidade continuará sendo um aglomerado de escolas e cursos, acomodados em edifícios sem alma e sem beleza, obedecendo à rotina de lições e trabalhos didáticos que conferem um saber desligado de qualquer valor espiritual. Por isso mesmo, afastado de um autêntico humanismo.*<sup>11</sup>

Sabe-se pois, o quanto é importante essa perspectiva cultural e espiritual para conceber uma Universidade autêntica, real, identificada com os valores da comunidade local, regional, nacional e internacional.

Reafirmamos aqui o nosso posicionamento em favor de uma ordem moral e espiritual a fim de dar nova estética à estrutura da Universidade e permear os novos conceitos de educação. Desta forma, concordamos com Jacques MARITAIN, quando afirma que:

*a formação para a vida moral e para as virtudes é uma parte essencial, verdadeiramente falando, a parte mais importante, do fim último da educação no sentido pleno da palavra. A educação da escola e da universidade não está equipada para assegurar esta formação de um modo total e completo; entretanto é seu dever contribuir positiva e eficazmente para a formação moral da juventude. Isso depende em grande parte da inspiração geral do ensino, em particular, do modo como o estudo das humanidades e a leitura das obras dos grandes poetas e escritores, transmitem aos jovens o tesouro das idéias e experiências morais da humanidade.*<sup>12</sup>

Sem essa perspectiva não poderá haver evolução do pensamento humano e só haverá tempo para lamentar ao se presenciar uma Universidade falida, doente, febril, paralisada, distanciada do homem e divorciada da realidade cultural, humana e social, e se contentar com as respostas desconexas, vazias, frívolas, imediatistas, de efeito tão somente, e perceber a própria inércia a manter o status quo. Esses são, sem dúvida, aspectos importantes e preocupantes existentes no sistema de ensino universitário, e que requerem com urgência soluções adequadas às circunstâncias atuais.

#### 4.2. O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA SOCIEDADE ATUAL; OS VALORES HUMANOS E A FILOSOFIA

Afinal, qual o verdadeiro papel que a Universidade deve desempenhar? O de preparar e formar profissionais exclusivamente, para o mercado de trabalho? Parece que com relação a esta questão, a resposta é afirmativa. Na verdade, não estão aparecendo outras alternativas porquanto tudo gira em torno de um imediatismo acentuado, fortemente, no poder econômico. Nesse sentido, a Universidade parece se mostrar dinâmica, versátil, pronta e eficiente. Mas como deve se caracterizar o seu verdadeiro papel?

Indubitavelmente, a instituição universitária não pode ser uma simples aglomeração de cursos técnicos, com o objetivo de preparar os indivíduos para exercer uma ou outra das profissões requeridas pelo mercado de trabalho disponível na sociedade.

Nessa linha de raciocínio, SALMAN, entende que:

*não é suficiente ensinar química ou agronomia, menos ainda medicina ou direito, e nem mesmo a filosofia ou a teologia, concebidas como preparação para a vida profissional. Formar-se-iam assim técnicos que poderiam tornar-se peritos notáveis em sua estreita especialidade, mas que correriam o risco de estarem totalmente desprovidos de cultura humana. A preparação, aliás indispensável a uma profissão, deve ser seguida de uma formação infinitamente mais aberta. A Universidade deve produzir homens capazes de desempenhar plenamente seu papel de cidadãos nas diversas comunidades, no seio das quais se encontram mergulhados. Deverão, pois, ser largamente informados, habituados à reflexão desinteressada e capazes de encarar com serenidade os grandes problemas que desafiam hoje a humanidade. Enfim, deverão ser capazes de levar em todas as circunstâncias uma autêntica vida do espírito.*<sup>13</sup>

O importante é ter consciência de que a verdadeira função da Universidade se caracteriza por um universo de conceitos. Na verdade, é todo o conjunto de princípios, de técnicas, de artes, usos, costumes, mores, tradições, folclore, ofícios, expressões idiomáticas, filosofia, educação, ciência, cultura, que vai legitimar os caracteres fundamentais e funcionais dessa instituição. Tais aspectos é que podem revelar ao homem a sua real condição de existir, de ser aquilo que foi, que é, que pretende ser - pensamento, objeto, fator inteligente. Segundo Fernando de AZEVEDO:

*A função que cabe à Universidade, criada no momento em que o Brasil se encontra em presença das mais graves questões para resolver e em face dos problemas definitivos de sua organização, não poderá desempenhá-la, sem que, de um lado, subordine o seu sistema institucional a um certo número de idéias diretrizes e fundamentais que devem ser a carta de sua vida normal, e apresente, por outro, como uma instituição social, natural e viva, uma relação estreita com a vida nacional e um grande poder de plasticidade e de adaptação. Para que adquira a consciência de sua verdadeira missão e dos rumos que deve seguir; para servir à ciência e à obra de reconstrução nacional, precisa, sem dúvida, ser reforçada e ampliada por uma constante tomada de contacto com as grandes forças vivas da nação. Mais do que um sistema de ensino superior, no conjunto de cujos institutos se elaboram a ciência e a alta cultura, ela deve ser 'o centro orientador de todas as energias coletivas', em que se forjam e se condensam as modalidades e os ideais que se pretenda imprimir à nação; e, por isto mesmo como não pode dar forma e expressão senão aos ideais e às correntes do tempo e do meio, nem trabalhar senão com o material que lhe fornece a vida social, ela tem de transformar-se num sistema de antenas suscetíveis de entrar em vibração aos menores contactos sociais ou num órgão sensível a todas as*



*inquietações e aspirações coletivas, e ,  
por isto, capaz de antecipar aos aconteci-  
mentos, para orientar eficazmente as trans-  
- formações sociais, políticas e econômicas.*<sup>14</sup>

Se, teoricamente, é possível discutir a viabilidade de numa Universidade reinar a neutralidade, praticamente é impossível a existência de uma Universidade verdadeiramente neutra. Com efeito, a escola sofre a influência do meio social em que está situada. Não há neutralidade. A dificuldade criada pelo ambiente social, junta-se a dificuldade de encontrar mestres despojados de sua personalidade, de suas crenças e de seus sentimentos, adotando, assim, a neutralidade. Enfim, uma escola absolutamente neutra viria prejudicar a educação integral da personalidade de seus alunos, dada a sua indecisão diante dos problemas mais cruciais de nossa vida.

A Universidade não pode ser neutra, portanto, ao sustentar sua bandeira em torno de idéias humanas, políticas ou religiosas, sociais ou econômicas, morais, filosóficas e espiritualistas estará assumindo determinada posição e defendendo conceitos e princípios democráticos bastante reclamados pela Nação brasileira. Portanto, faz-se necessário que a Universidade esteja sempre alerta e muito atenta para a realidade conjuntural do País.

Uma Nação para ser livre, terá que ter sua Universidade autêntica, também livre e que desperte a consciência crítica dos indivíduos para uma formação política-educacional que possa trazer segurança às instituições sociais, políticas e econômicas.

Para tanto, convém enriquecer os conteúdos programáticos das disciplinas com uma dimensão histórica-filosófica-social . Todas as disciplinas, sejam elas ligadas a cursos técnicos ou humanísticos, necessitam conter aspectos éticos, morais, humanos, fundamentais para a boa formação dos indivíduos. O que se tem constatado é a ausência desses valores nos diversos cursos universitários.

Daí, vemos a importância do papel da instituição de ensino superior na condução dos mecanismos de controle e de poder , interferindo e assegurando uma caminhada livre e democrática da Nação, através do processo de educação que em si sugere, cria , alimenta, identifica. Assim discorre Maury Rodrigues da CRUZ:

*Uma Nação que tem consciência de seus altos destinos, procura preparar os seus jovens, a Universidade, a população de um modo geral, para assumir, com respeito e dentro dos pressupostos do direito, encargos públicos e sociais. Nessas Nações a educação assume posição preponderante no sistema social. Pensamos que todos os países do mundo têm um sistema de educação em si, mas nem todos os países têm um sistema de educação para si. Explicitamente, isto significa: a educação, nos países que têm um sistema para si, é a grande agenciadora de soluções para seus problemas.*<sup>15</sup>

É necessário ter a consciência de que a educação está intrinsecamente relacionada com o caráter da civilização de cada país. Por exemplo, "quase metade do desenvolvimento nacional dos Estados Unidos, nos últimos trinta anos se justifica pela melhor educação e melhor tecnologia do seu povo, ambas decorrentes do seu sistema de educação".<sup>16</sup>

Indaga-se, portanto, se a Universidade brasileira possui credibilidade diante da comunidade, se possui autoridade moral, ética, cultural, política, científica, filosófica e espiritual suficiente para interpretar os fatos existenciais emergentes dos processos de evolução humana e social. Questiona-se também, se ela tem poder decisório de fato e autonomia para criar, inventar e descobrir, visando a ordem de educação axiológica humana. Sabe-se que nos Estados Unidos, a Universidade venceu a guerra. *"Durante a última grande guerra, nas Universidades norte-americanas é que se forjaram os principais progressos científicos e tecnológicos, aos quais se deveu a vitória contra o nazi-fascismo"*,<sup>17</sup> de acordo com Afranio COUTINHO.

Mas o que realmente evidenciar e propor para fortalecer a estrutura da Universidade brasileira? Entre tantas propostas e indicações que direcionam as melhores intenções para transformar profundamente a estrutura organizacional da Universidade, nota-se que não basta, tão somente, montar projetos faraônicos que incluem as complexas formas técnicas e burocráticas no intento de uma construção ordenadamente física e material. O essencial antes de mais nada, seria objetivar e fazer brotar o sentimento vivo de participação ativa da comunidade através do humanismo, do espírito democrático e deixar florescer a filosofia com base na experiência própria do povo.

*A filosofia é pois a expressão daquele singular desejo do homem, tematizado no curso da história, desde os gregos até nós, de querer estar na ordem do todo, de querer ver as coisas que aparecem no um. Não é a filosofia um saber desligado da vida. Antes o contrário. Como a luz que se espalha possibilita aos olhos verem a realidade*

*em seus contornos definidos e habilita nos  
 sos passos a andarem entre as coisas com  
 desembaraço e sem tropeço, assim é a filo-  
 sofia um saber-luz que nos agracia o senti-  
 do secreto da realidade. Filosofar é mere-  
 cer a significação íntima do ser, é conqui-  
 star a realidade na luz do conhecimento, é  
 criar laços com cada diferença na harmonia  
 do todo.*<sup>18</sup>

Em todos os tempos a filosofia sempre foi a sólida base, a sustentação do bem e do bom, do real e do verdadeiro, do concreto, a condição "*sine qua non*" para desencadear teorias fundamentadas em idéias, para formular práticas e métodos de avaliação substanciadas num sistema de valores real, justo e humano, e para as soluções dos pequenos e grandes problemas que dizem respeito ao ser, ao destino e a dor, enfim, de toda a complexidade da vida global da sociedade humana.

A Universidade que deve ser eminentemente valorizada como sendo de caráter institucional e social, não pode continuar insensível aos reclamos de uma população que deseja e precisa participar dialogicamente de seu sistema de idéias e ocupar um espaço que está destinado ao pensamento humano-filosófico. A concepção da consciência filosófica tende a tornar o sistema sempre mais aberto, voltado particularmente para o interior da pessoa, da instituição, da sociedade, fortalecendo o sentimento de povo e de Nação e estabelecendo "*a conexão entre o conhecimento e o gosto pela vida, unindo jovens e velhos na causa imaginativa do ensino*",<sup>19</sup> conforme WHITEHEAD.

À Universidade cabe sensibilizar a todos para buscar a interpretação dos fatos, exaltar a imaginação, valorizar a experiência e consolidar esses elementos na reflexão filosófica, como assevera WHITEHEAD:

*A universidade transmite informações, mas transmite-as com exaltada imaginação. Pelo menos, essa é a função que deveria desempenhar para a sociedade. A universidade que falha nesse ponto não tem razão de existir. Essa atmosfera de excitação que nasce de estudos imaginativos transforma o conhecimento. Um fato já não é mais tão só o fato, está investido de todas as suas possibilidades. Já não é uma carga para a memória; está em atividade como o poeta de nossos sonhos,<sup>20</sup> como o arquiteto de nossos propósitos.*

Entre a imaginação e a experiência há uma correlação muito íntima que deverá ser constatada pela Universidade. Cabe a ela valorizar a juventude audaciosa e cheia de imaginação somando essa força à experiência valorosa dos velhos. Essa situação representa o poder de transformação da sociedade. WHITEHEAD, consolidando essa idéia da seguinte forma:

*A juventude é cheia de imaginação, e se esta for fortalecida pela disciplina, a energia da imaginação poderá, em grande parte, ser preservada através da vida. A tragédia do mundo está em terem as pessoas dotadas de imaginação pequena experiência, e as que são experientes terem fraca imaginação. Os tolos agem pela imaginação sem que o saibam; os pedantes agem com conhecimento próprio, mas sem imaginação. À universidade, cabe soldar a imaginação à experiência.<sup>21</sup>*

Enfim, o papel da Universidade na sociedade atual terá que ser sumamente desempenhado com ordem, disciplina e critério, mas em hipótese alguma poderá estar ausente a Filosofia, o pensamento filosófico e o ato de filosofar.

Desta forma, GILES se expressa:

*Sócrates, o protótipo do filósofo, que não distinguia a atividade de filosofar do próprio ato de viver, nos ensina que a máxima da sabedoria do ato de filosofar, é amar a sabedoria e saber que nada sabemos. É a atitude contrária àquela de quem tenta instalar-se num saber absoluto. Filosofar é viver a dialética que leva do saber à ignorância, da ignorância ao saber. Assim, a Filosofia jamais se encarregará de oferecer verdades adquiridas, norteador-se pela procura livre. E é essa mesma liberdade que nos desperta para aquilo que é insólito, e mesmo insuportável, na realidade, pois nos leva a reconhecer que na realidade há coisas para ver e para dizer. Liberdade e razão se instalam no cerne da realidade, da práxis, para que nela viva a Filosofia.* <sup>22</sup>

Em HEGEL vemos o seguinte:

*Em outras ciências, forma e conteúdo, são totalmente distintos. Mas na filosofia, é o próprio pensamento o seu objeto. Ocupa-se consigo mesmo e se determina a partir de si mesmo. Realiza-se porque se determina por si. Sua determinação é produzir-se e existir no interior. É o processo em si mesmo, tem vida e atividade, possui em si numerosas relações e se põe a si mesmo em suas diferenças. É somente o pensamento movendo-se a si mesmo.* <sup>23</sup>

As relações de causa e efeito precisam ser melhor caracterizadas e melhor compreendidas também no ensino superior. A filosofia predispõe a isso. O ser precisa se conhecer muito mais e a busca do conhecimento deve ser facilitada pela ordem natural. Jacques MARITAIN, assim descreve seu pensamento a respeito:

*"A Filosofia é o conhecimento científico que pela luz natural da razão considera as causas primeiras ou as razões mais elevadas de todas as coisas; ou ainda: o conhecimento científico das coisas pelas primeiras causas, na medida em que estas se referem à ordem natural."* <sup>24</sup>

Enfim, o que realmente importa para o ensino superior é alcançar estágios elevados de conhecimento, onde a figura principal, que é o homem, seja o centro dessa busca incessante.

## NOTAS DE REFERÊNCIA

1. AZEVEDO, Fernando de. As universidades no mundo de amanhã. Atualidades Pedagógicas, Biblioteca Pedagógica Brasileira. Vol. 50, série 3a. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1947. p. 173.
2. HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Introdução à história da filosofia. Trad. SILVA, Euclidy Carneiro da. São Paulo, Hemus - Livraria Editora, 1976. p. 43.
3. JOLIVET, Régis. Curso de filosofia. Trad. MENDONÇA, Eduardo Prado. 11. ed. Rio de Janeiro, Agir Editora, 1972. p. 193.
4. BUZZI, Arcângelo R. Introdução ao pensar: o ser, o conhecer, a linguagem. 7. ed. Petrópolis, Vozes, 1978. p. 9-10.
5. \_\_\_\_\_. p. 9-10.
6. REDDEN, John D. & RYAN, Francis A. Filosofia da educação. 4. ed. Trad. ABU-MERHY, Nair Fortes. Rio de Janeiro, Agir Editora, 1967. p. 17-8.
7. \_\_\_\_\_. p. 22.
8. \_\_\_\_\_. p. 22.
9. GILES, Thomas Ransom. Introdução à filosofia. São Paulo, EPU - Editora da Universidade de São Paulo, 1979. p. 36-7.
10. \_\_\_\_\_. p. 43.
11. CRIPPA, Adolpho. A universidade. Temas atuais, vol. 3. São Paulo, Editora Convívio, 1980. p. 48-9.
12. MARITAIN, Jacques. Rumos da educação. 5. ed. Trad. GRAÇAS, Abadia de Nossa Senhora das. Rio de Janeiro, Agir, 1968. p. 228-29.
13. SALMAN, D. H. O lugar da filosofia na universidade. Trad. LARA, João Bosco Fonseca. Rio de Janeiro, Vozes, 1969. p. 38.
14. AZEVEDO, Fernando de. As universidades no mundo de amanhã. p. 125-26.
15. CRUZ, Maury Rodrigues da. Anotações de aula. Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, 1983.
16. TEIXEIRA, Anísio. Educação e o mundo moderno. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969. p. 237.



17. COUTINHO, Afranio. Universidade, instituição crítica. Coleção Retratos do Brasil, vol. 109. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977. p. 64.

18. BUZZI, Arcângelo R. Introdução ao pensar: o ser, o conhecer a linguagem. p. 10.

19. WHITEHEAD, Alfred North. Os fins da educação: e outros ensaios. Trad. CARVALHO, Leônidas Gontijo de. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969. p. 102.

20. \_\_\_\_\_. p. 102.

21. \_\_\_\_\_. p. 102.

22. GILES, Thomas Ranson. Introdução à filosofia. p. 4-5.

23. HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Introdução à história da filosofia. p. 13.

24. MARITAIN, Jacques. Introdução geral à filosofia. Elementos de Filosofia I. Trad. NEVES, Ilza das & PENTEADO, Heloisa de Oliveira. Rio de Janeiro, Agir, 1973. p. 71.

## **CONCLUSÃO**

A proposta simples mas concreta, que levantamos nesta pesquisa, tem a intenção de revestir o sistema educacional do ensino superior com uma roupagem interior, funcional, dinâmica, valorativa, profundamente humana. Sua caminhada, entendemos, deve se processar, de início, para dentro, depois para fora.

Objetiva, também, desenvolver a consciência crítica e moral dos agentes da organização, visando uma nova mentalidade, cuja necessidade premente é agenciar uma mensagem puramente cultural e moral que cultive valores perenes e reais, absorvidos pelo espírito, brotando da razão, do âmago do coração das pessoas, direcionados para uma ordem verdadeiramente humana, na concepção do ser.

Decorre, pois, dessa análise reflexiva, a lamentável verificação de que não se presencia uma participação efetiva dos agentes educacionais na perseguição desses objetivos, desses ideais, na construção do edifício do saber real, justo, humanizado, do saber filosófico e moral.

Parece-nos que não basta tão somente a presença física dos indivíduos e os instrumentos materiais para formar uma unidade de ensino. É preciso muito mais.

Cada minuto poderá ser decisivo se devidamente aproveitado em função do bom e do melhor. É preciso desprendimento, respeito, doação, amor, fé, caridade e, sobretudo, coragem, espírito público e fraternidade humana.

É extremamente essencial participar, debater, sugerir ,  
propor, criticar, mas fundamental mesmo é vivenciar a institui-  
ção com amor profundo, vivendo, convivendo e identificando-se  
integralmente com seus problemas existenciais, sentindo , sofrendo  
do, amando e transformando.

Portanto, a consciência individual e do grupo deve estar  
voltada exclusivamente para os interesses da comunidade, para o  
bem comum da sociedade, para a promoção da pessoa humana, para  
a realização integral do homem. Este homem que é um animal pen-  
sante, é social, é político, é religioso, é plural, é matéria e  
espírito, é vontade, é pensamento, raciocínio sobre objeto, di-  
fusão cultural. Este homem que é um ser eminentemente social ,  
que é um eterno buscador, que procura uma integração qualitati-  
va e quantitativa, criando, transformando o mundo natural em cul-  
tural. Este homem que quer ser livre e busca incessantemente a  
verdade.

É para o homem que voltamos a nossa atenção, o nosso tra-  
balho. Achamos que a escola deve, por excelência, visar a forma-  
ção do homem para a vida, incitando-o a viver em democracia, a  
se relacionar com todos, educando-se na participação, na convi-  
vência e na comunicação com os grupos.

*Como a escola visa formar o homem para o mo-  
do de vida democrático, toda ela deve pro-  
curar, desde o início, mostrar que o indi-  
víduo, em si e por si, é somente necessida-  
des e impotências; que só existe em função  
dos outros e por causa dos outros; que a  
sua ação é sempre uma transação com as coi-  
sas e com as pessoas e que saber é um con-  
junto de conceitos e operações destinados  
a atender àquelas necessidades, pela mani-  
pulação acertada e adequada das coisas e*

*pela cooperação com os outros no trabalho que, hoje, é sempre de grupo, cada um dependendo de todos e todos dependendo de cada um.*<sup>1</sup>

Portanto, incansável, deverá ser a luta por uma Universidade livre, democrática, aberta, humanizada. E o centro desse universo jamais deixará de ser a pessoa humana.

Para tanto, todos os esforços deverão ser despendidos para proporcionar ao homem a conquista de si mesmo. O próprio homem se cria e se constrói. É preciso valorizar a sua liberdade. É preciso conscientizá-lo do uso de seu livre-arbítrio. É preciso dignificá-lo como ser humano antes de mais nada. É preciso favorecer-lhe o conhecimento para que se liberte da escravidão materialista e que tenha liberdade de ir, vir, permanecer, fi - car com plena consciência de ser.

*Será o conflito entre a liberdade de escolha, pelo indivíduo, o livre arbítrio, de uma parte; e doutra a premissa essencial da Ciência, a saber, a sujeição do Universo e de todas suas ocorrências, inclusive no relativo ao Homem, as leis, isto é, à necessidade. Considerada unicamente a esfera subjetiva, e não há senão afirmar a liberdade do Homem na determinação de seus atos e comportamentos; e portanto dos fatos sociais que em última instância resultam desses atos e comportamento. A decisão, o impulso, o motor estão no Homem, não há como negá-lo. É a subjetividade pois que configura o comportamento humano. O interior do Homem, impenetrável e indeterminado. Ou antes, a sua razão, a sua racionalidade. O homem determinado, privado de sua capacidade de escolha, é precisamente aquele que se aboliu a Razão, aquela racionalidade que faz dele o verdadeiro Homem sinônimo de 'ser racional'. O homem privado de li - berdade e livre escolha, deixa de ser o verdadeiro Homem.*<sup>2</sup>

Enfim, é preciso, mais do que nunca, desarraigar os velhos conceitos repetitivos, enfadonho e alienantes do materialismo e do capitalismo desumanos, do individualismo nocivo aos bons costumes, ao progresso individual, social, educacional, cultural e moral, para crescer ilimitadamente no ideal de servir, de construir, de amar, no desejo ardente e consciente de humanizar a educação, a cultura, a civilização.

## **NOTAS DE REFERÊNCIA**

1. TEIXEIRA, Anísio. Educação e o mundo moderno. São Paulo, Editora Nacional, 1969. p. 213.

2. PRADO JUNIOR, Caio. O que é filosofia. Coleção Primeiros Passos, 37. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981. p. 86-7.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALVES, Isaias. Educação e brasilidade. Rio de Janeiro, José Olympio, 1939.
- ÁVILA, Fernando Bastos de. Pequena enciclopédia de moral e civismo. Rio de Janeiro, Nacional de Material Escolar - MEC, 1967.
- AZEVEDO, Fernando de. A cultura brasileira. 5. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1971.
- \_\_\_\_\_. As universidades no mundo de amanhã. Atualidades Pedagógicas, Biblioteca Pedagógica Brasileira. Vol. 50, série 3a. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1947.
- BASTIDE, Roger. Brasil, terra de contrastes. São Paulo-Rio de Janeiro, DIFEL.
- BEAUCHAMP, George. Curriculum theory. Wilmett, III, The Kagg Press, 1973.
- BERMAN, Louise M. Novas prioridades para o currículo. 2. ed. Trad. VALANDRO, Leonel. Porto Alegre, Editora Globo, 1976.
- BORNHEIM, Gerd A. Introdução ao filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais. 1. ed. Rio Grande do Sul, Editora Globo S.A., 1970.
- BOUTHOU, Gaston. Sociologia da política. Trad. FORJAZ NETO, Djalma. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.
- BRUNER, Jerome Seymour. O processo da educação. 6. ed. Trad. OLIVEIRA, Lólio Laureção de. São Paulo, Editora Nacional, 1976.
- BUZZI, Arcângelo R. Introdução ao pensar: o ser, o conhecer, a linguagem. 7. ed. Petrópolis, Vozes, 1978.
- CALÓGERAS, J. Pandiá. Formação histórica do Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1957.
- CARVALHO, Delgado de. Elementos de sociologia educacional: e fundamentos sociológicos da educação. 2. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956.
- \_\_\_\_\_. Organização social e política brasileira. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura.
- CARVALHO, Guido J. Ensino superior, legislação e jurisprudência. São Paulo, Revista dos Tribunais, 1975.

- CASWELL, Hollis L. Curriculum improvement in public school systems. Columbia University, 1950.
- CATANI, Afrânio Mendes. O que é capitalismo. 4. ed. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- CERVO, Amado Luiz & BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia científica. 2. ed. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1978.
- CHINOY, Ely. Sociedade: uma introdução à sociologia. São Paulo, Editora Cultrix, 1976.
- COUTINHO, Afrânio. Universidade, instituição crítica. Coleção Retratos do Brasil, vol. 109. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
- COUTO, Marina. Como elaborar um currículo. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1968.
- CRIPPA, Adolpho. A universidade. Temas atuais, vol. 3. São Paulo, Editora Convívio, 1980.
- CRUZ, Maury Rodrigues da. Anotações de aula. Curso de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal do Paraná, 1983.
- \_\_\_\_\_. Antecedentes e perspectivas da educação moral e cívica no Brasil. Curitiba, Editora da Universidade Federal do Paraná, 1982.
- CUNHA, Luiz A. R. Educação e desenvolvimento social no Brasil. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
- D'AZEVEDO, Marcello Casado. Cibernética e cultura. Porto Alegre, Livraria Sulina Editora, 1978.
- DENIS, Léon. O problema do ser, do destino e da dor. 9. ed. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1975.
- DEWEY, John. Democracia e educação. Trad. RANGEL, Godofredo & TEIXEIRA, Anísio. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1959.
- \_\_\_\_\_. Como pensamos. 2. ed. Trad. RANGEL, Godofredo. Vol. 2. Série 3. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1953.
- \_\_\_\_\_. Teoria da vida moral. Trad. CARVALHO, Leonidas Gontijo de. São Paulo, Ibrasa - Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1964.
- DILTHEY, Wilhelm. História da filosofia. Trad. MELLO, Silveira. São Paulo, Livraria Exposição do Livro.
- DORIA, Sampaio. Educação moral. São Paulo, Melhoramentos, 1928.
- DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. 5. ed. Trad. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1968.
- \_\_\_\_\_. Educação e sociologia. Trad. LOURENÇO FILHO. São Paulo, Editora Companhia Melhoramentos de São Paulo.



- ERICKSEN, Stanford C. Lucrando e aprendendo por hora. In: \_\_\_\_\_. O ensino superior: teoria e prática. Trad. CORÇÃO, Luiz. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- FEINBERG, Joel. Filosofia social. Trad. ROCHA, Alzira Soares da. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
- FERNANDES, Florestan. Educação e sociedade no Brasil. São Paulo, Dominus Editora, 1966.
- FERRAZ, Ester de Figueiredo. Alternativas da educação. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.
- FIGUEIREDO, Osmar S. de. Brasil, passado e presente. São Paulo, EPU, 1979.
- FLEMING, Robert S. Currículo moderno: um planejamento mais dinâmico das avançadas técnicas de ensino. 2. ed. Trad. COUTO, Marina & BRAND, Maria Eleonora. Rio de Janeiro, Lيدador, 1974.
- FRANKENA, William K. Ética. Trad. HEGENBERG, Leonidas. 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.
- FREITAS, Bárbara. Escola, estado e sociedade. São Paulo, Livraria Editora, 1977.
- FROMM, Erich. A revolução da esperança - por uma tecnologia humanizada. Trad. JORGE, Edmond. São Paulo, Zahar, 1980.
- \_\_\_\_\_. Arte de amar. Trad. AMADO, Milton. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia Ltda., 1983.
- GALACHE, Gabriel & ANDRÉ, M. Brasil, processo e integração. São Paulo, Loyola, 1972.
- GIANNOTTI, José Arthur. Contra a demagogia. Veja, São Paulo, (885):4, 21 ago. 1985.
- GILES, Thomas Ranson. Introdução à filosofia. São Paulo, EPU-Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- GRANDE, Humberto. O humanismo brasileiro. In: Cadernos de Estudos Brasileiros. Rio de Janeiro, Universidade Federal, Forum de Ciência e Cultura, 1974. Vol. 11.
- GURGEL, José Alfredo Amaral. Segurança e democracia. 2. ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1976.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Introdução à história da filosofia. Trad. SILVA, Euclidy Carneiro da. São Paulo, Hemus - Livraria Editora, 1976.
- IHERING, Rudolf Von. A luta pelo direito. 4. ed. Trad. PAUL NETO, Richard. Rio de Janeiro, Editora Rio, 1983.
- JOLIVET, Régis. Curso de filosofia. Trad. MENDONÇA, Eduardo Prado. 11. ed. Rio de Janeiro. Agir Editora, 1972.
- \_\_\_\_\_. Tratado de filosofia: moral. Trad. BARRETO, Geraldo Dantas. Agir Editora, 1966.

- KANT, Emmanuel. Crítica da razão pura. Trad. MEREJE, J. Rodrigues de. Rio de Janeiro, Editora Tecnoprint.
- KONDER, Leandro. O que é dialética. São Paulo, Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1981.
- LECLERCQ, Jacques. As grandes linhas da filosofia moral. São Paulo, Editora Herder, 1967.
- LINTON, Ralph. O homem: uma introdução à antropologia. 10. ed. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1976.
- LITTLEJOHN, James. Estratificação social: uma introdução. Trad. LIMA, Ricardo Gomes. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- MABBOTT, J. D. O estado e o cidadão. Trad. COSTA, Jorge Natal da. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Uma teoria científica da cultura. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- MANHEIM, Karl. Liberdade, poder e planificação democrática. Trad. MAILLET, Miguel. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1972.
- MARINHO, Pedro. A pesquisa em ciências humanas. Petrópolis, Vozes, 1980.
- MARQUES, Juracy Cunegatto. Paradigma para análise do ensino: um estudo dos componentes fundamentais de programas em educação. Porto Alegre, Editora Globo, 1977.
- MARITAIN, Jacques. A filosofia moral. 2. ed. Rio de Janeiro, Agir Editora, 1973.
- \_\_\_\_\_. Humanismo integral. Trad. COUTINHO, Afrânio. 4. ed. São Paulo, Dominus Editora S.A., 1962.
- \_\_\_\_\_. Introdução geral à filosofia. Elementos de filosofia I. Trad. NEVES, Ilza das & PENTEADO, Heloisa de Oliveira. Rio de Janeiro, Agir, 1973.
- \_\_\_\_\_. Rumos da educação. 5a. ed. Trad. GRAÇAS, Abadia de Nossa Senhora das. Rio de Janeiro, Agir, 1968.
- MENEZES, Sjacir. O Brasil no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro, INEP, 1957.
- MESSICK, Rosemary Graves; PAIXÃO, Lyra & BASTOS, Lúcia da Rocha. Currículo: Análise e debate. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- MINOGUE, Kenneth. O conceito de universidade. Trad. VIEIRA, Jorge Eira Garcia. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981.
- NAGLE, Jorge. Educação e sociedade na primeira república. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1974.
- NELSON, Luis N. O ensino: textos escolhidos. Trad. SOARES, Joshuah de Bragança. São Paulo, Saraiva, 1980.

- OCTAVIANO, Yeda. A filosofia e seus sistemas. Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos S.A., 1968.
- OLIVEIRA, José Claudio de. Estudo de problemas brasileiros. 2. ed. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- PADILHA, Tarcísio Meirelles. Brasil em questão. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
- PALERMO, Alfredo. Estudo de problemas brasileiros. 2. ed. São Paulo, Lisa, 1973.
- PEREIRA, Luís & FORACCHI, Marialice M. Educação e sociedade. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.
- PILOTO, Valfrido. Humanismo cristão: teoria e atos. Curitiba, Ed. Létéro-Técnica, 1979.
- PLATÃO. A república. Trad. GUINSBURG, J. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1965.
- \_\_\_\_\_. Diálogos. Seleção, introdução e tradução direta do grego por Jaime Bruna. São Paulo, Editora Cultrix, 1973.
- PRADO JUNIOR, Caio. O que é filosofia. Coleção Primeiros Passos, 37. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.
- REDDEN, John D. & RYAN, Francis A. Filosofia da educação. 4. ed. Trad. ABU-MERHY, Nair Fortes. Rio de Janeiro, Agir Editora, 1967.
- RIBEIRO, Darcy. Os brasileiros: teoria do Brasil. 7. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1983.
- RIBEIRO, Maria Luísa Santos. História da educação brasileira. São Paulo, Cortez e Moraes Ltda., 1978.
- RODRIGUES, Afonso. Ética e civismo: para professores e curso fundamental. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.
- RODRIGUES, Lysias A. Formação da nacionalidade brasileira. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1954.
- ROHDEN, Huberto. Novos rumos para a educação. São Paulo, Freitas Bastos, 1960.
- SALMAN, D. H. O lugar da filosofia na universidade. Trad. LARA, João Bosco Fonseca. Rio de Janeiro, Vozes, 1969.
- SANTOS, Theobaldo Miranda. Noções de filosofia da educação. 9. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1962.
- SAVIANI, Demerval. As universidades no mundo de amanhã. Atualidades Pedagógicas, Biblioteca Pedagógica Brasileira. Vol. 50, Série 3. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1947.
- \_\_\_\_\_. Educação brasileira: estrutura e sistema. 3. ed. São Paulo, Sarai va, 1978.

- SAVIANI, Demerval. Educação do senso comum à consciência filosófica. São Paulo, Cortez Editora, 1980.
- SCHNEIDER, José Odelso; LENZ, Matias Martinho & PETRY, Almiro. Problemas do ensino superior. In: \_\_\_\_\_. Realidade brasileira. Estudo de problemas brasileiros. 3. ed. Porto Alegre, Livraria Sulina, 1976.
- SCHROEDER, Orlando Borges. Renovação do ensino superior. Florianópolis, Imprensa Universitária de Santa Catarina, 1969.
- SKIDMORE, William. Pensamento teórico em sociologia. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- SODRÉ, Nelson Werneck. Formação da sociedade brasileira. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1944.
- SOROKIN, Pitirim A. Sociedade, cultura e personalidade. Trad. AGUIAR, João Baptista Coelho & VALLANDRO, Leonel. Vol II. Porto Alegre, 1968.
- SOUZA, Edson Machado de. Crises e desafios no ensino superior do Brasil. Fortaleza, Edições UFC., 1980.
- SPERB, Dalilla C. Problemas gerais de currículo. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo, Editora Globo, 1966.
- TAHAN, Malba. Antologia do bom professor. Rio de Janeiro, Editora Vecchi, 1969.
- TEIXEIRA, Anísio. Educação e o mundo moderno. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969.
- \_\_\_\_\_. Educação progressiva: uma introdução à philosophia da educação. Bibliotheca Pedagogica Brasileira, Série III, vol. III. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933.
- \_\_\_\_\_. Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola. 5. ed. São Paulo, Editora Nacional, 1967.
- TELES, Antonio Xavier. Educação moral e cívica. 2. ed. São Paulo, Nacional, 1970.
- UBALDI, Pietro. Pensamentos. Trad. FERRAZ, Vasco de Castro. São Vicente, Editora Monismo, 1971.
- \_\_\_\_\_. Problemas atuais. 2. ed. Trad. PASTORINO, Carlos. Rio de Janeiro, Fundação Pietro Ubaldi, 1981.
- VIANNA, Oliveira. Evolução do povo brasileiro. 4. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
- WANDERLEY, Luiz Eduardo W. O que é universidade. Coleção Primeiros Passos, 91. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.

WHITEHEAD, Alfred North. Os fins da educação: e outros ensaios. Trad. CARVALHO, Leônidas Gontijo de. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969.

WARDE, Mirian Jorge. Educação e estrutura social: a profissionalização em questão. 2. ed. São Paulo, Cortez & Moraes, 1979.

ZATZ, José. O humanismo da nova ciência. Veja, 693:3-4, fev. 1982.